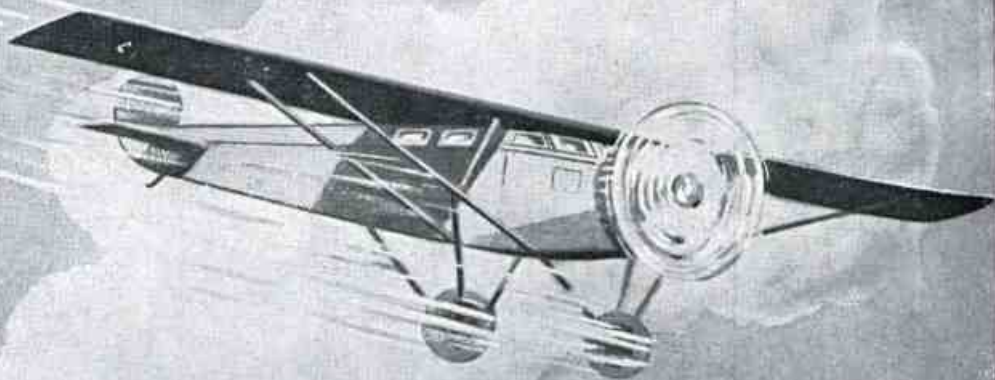
BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO
FON-FON
Rio, 17 de Outubro de 1931
NUMERO ESPECIAL
Preço 2$000

Rapidez
"Rapidez": velocidade, promptidão, effeito immediato.
RAPIDO como o vôo das aguias mecanicas que cortam os ares com velocidade inexcedivel, assim é o effeito da
CAFIASPIRINA
o producto de confiança
no allivio immediato que proporciona a todas as dôres: de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., tendo a vantagem de produzir um bem estar geral e a virtude caracteristica de ser absolutamente inoffensiva.
Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelopes de 2 e discos de um comprimido.
CAFIASPIRINA
Marca registrada
BAYER

O conto brasileiro

Sinistra caçada

De A. Marrocos de Araújo

TREPADO nos páos toscos de mulungú, que formavam a balsa, o Venancio, no meio da lagôa de aguas claras, jogava a sua tarrafa. Ainda não pegára nada. As traíras esquivas e as curimatás ariscas pareciam andar escondidas nas tócas.

Mas o Venancio ainda não desanimára. Dôrso exposto á luz de um sol que queimava como caustico, musculos de um Hercules a se estenderem arremessando a tarrafa, já fazia horas que elle se equilibrava sobre aquellas pranchas de madeira leve, que deslisavam á flor das aguas daquella lagôa.

Já tarde, quando se convenceu de que os peixes estavam mesmo mettidos nas tócas, impulsionou a balsa rumo á margem da lagôa e buscou a sua casa, perdida dentro da matta, conduzindo apenas algumas piabas.

Encontrou a mulher e os filhinhos torturados por uma fome cruel e entregou-lhes os peixes que conseguira arrancar do fundo das aguas.

Disse á mulher o quanto estavam ariscas as trairas e as curimatás e, num gesto de desprezo, lançou a tarrafa a um canto da choupana. Logo depois, foi assentar-se em um côpo e poz-se a matutar nas cruezas desta triste vida. Deixava o seu olhar cahir nos seus quatro rebentos, que ali estavam curtindo dias amargos, soffrendo as consequencias de uma pobreza tão grande, que já attingia as raias da miseria. Coitadinhos! Ainda tão pequenos e já entregues a provações tão dolorosas! E pensava comsigo que a pesca não fornecia mais o alimento necessário á subsistencia das pessôas de sua familia.

Uma luz suave banhou o céo lá para as bandas do levante. Era manhã.

Venancio apanhou a velha espingarda, que vivia abandonada, num canto, e ganhou a estreita e tortuosa vereda que ia sahir na estrada larga, que levava á villa. Ia á procura de munição. Não tinha dinheiro, mas sabia que o negociante lhe confiava alguma polvora e algum chumbo. Expoz a lamentavel situação em que se encontrava, com a familia a morrer de fome, e o bodegueiro, cuidadosamente, lhe deu algumas espoletas, um punhado de chumbo e um pouco de polvora.

— Santa esmola esta! — disse comsigo Venancio.

E, abandonando a villa, buscou as caatingas castigadas pela luz intensa e offuscante do sol, onde, nos galhos sêccos das arvores, que a soalheira despira, talvez encontrasse alguma "aza-branca", que derrubaria de um tiro certeiro.

Espingarda na mão, embrenhou-se mattaria a dentro, cuidadosamente olhando para todos os lados, procurando devassar qualquer ave. Nenhuma aza, porém, cortava a luminosidade aggressiva daquelle céo limpo, sem um trapo de nuvem, todo azul, de um azul que lhe fazia doer a vista. E elle já estava exhausto daquella caminhada estafante, quando, ao longe, lobrigou a sombra de um joazeiro virente, que parecia estar postado naquellas regiões calcinadas para mostrar que nem tudo ali tinha sido varrido pelo sopro da morte.

No meio do exterminio e da desolação havia ainda, entregando suas folhas á caricia dos ventos e, desassombradamente, desafiando os raios de fogo do sol, aquella copa verdejante, que se agitava naquellas paragens como uma bandeira de esperança.

Na fresca sombra que proporcionava a arvore amiga, Venancio deitou-se para repousar das fadigas da caminhada. Quiz conciliar o somno, mas a lembrança persistente da sua familia, sem recursos e faminta, não consentia que o seu espirito se tranquillizasse. Seu pensamento pairava ainda sobre o seu misero lar, quando um ruflar de azas, partido do alto da copa do joazeiro, lhe soou aos ouvidos.

Presto, levantou-se, empunhou a espingarda e, cautelosamente, occultando-se por traz de uns troncos de arvores, avistou duas avoantes, grandes e pardacentas, que estavam emparelhadas, no alto da copa viridente. Fez pontaria e um tiro reboou naquellas paragens silenciosas e ermas.

As duas aves, traspassadas pelos caroços de chumbo, vieram ao chão. Apanhou-as, metteu-as na saccola e dirigiu-se para um serrote proximo, onde talvez matasse alguns mocós.

As pedras que compunham o serrote eram nûas e a subida não era tão facil. Era necessario muito cuidado para conseguir-se o equilibrio naquellas pontas de pedras, naquelles despenhadeiros ingremes. Ainda deu um tiro perdido. Depois, fazendo pontaria, tomava posição para atirar num mocó, recuando um pouco, quando o vacuo se fez sob seus pés...

Tombou numa enorme fenda, com rochas asperas de ambos os lados, indo seu corpo cahir lá no fundo escuro da abertura...

* * *

E o destino, que iria reservar aos entes queridos do infeliz Venancio, os quaes, á hora da sua tragica morte, ainda aguardavam, confiantes, que elle lhes trouxesse alguma coisa que matasse a fome?...

Misera familia desprotegida! Talvez o desditoso caboclo, perdendo a vida entre fraguedos hostis, fosse mais feliz do que tu, condemnada a viver esmolando de porta em porta, percorrendo estradas, em jornadas martyrizantes, através de sertões adustos e poeirentos...

—Que distancia ha da terra ao sol?
—Trinta milhões de leguas.
—Como acha você esta distancia?
—Enorme!...

KETTY, A CONSPIRADORA

NINGUEM suspeitava que, na residencia do barão Stanislausky, se conspirava tão audaciosamente, tão tenazmente, contra a vida do principe. A verdade é que o barão demonstrara, em occasiões diversas, de modo ostensivo, ser desaffecto do regimen e da pessôa serenissima e augusta que em breve ia ser coroada. Mas nem seu nome, nem o nome de seus amigos que com elle se reuniam, figuravam nas listas das sociedades secretas e revolucionarias, conhecidas, como sempre, da perspicaz policia de Moldavia, graças, como sempre tambem, a um bom serviço confidencial...

E, no emtanto, atraz das scenas copiosas, intimas, que se verificavam em sua sala de jantar reservada, resguardadas de olhares alheios, de ouvidos indiscretos e de fiscalização policial, se vinha, desde algum tempo, tramando algo de grave e perigoso com grande liberdade e desembaraço.

O manejo e a direcção dos conspiradores eram conduzidos pelo barão de maneira habil e, como parecia, segura, e seus sequazes eram Ketty — uma dessas mulheres que figuram em toda parte sem saber por que nem por quem, e de quem ninguem sabe nada, sem prejuizo de se lhe attribuirem, malevolamente, historias e aventuras de toda especie — e dois officiaes da Guarda Imperial, dois homens um pouco postergados, de espirito inquieto e de temperamento insatisfeito.

O barão sabia manejar bem seus poucos elementos. Actuava na sombra, ficando sempre como em um segundo termo e sem realizar nada pessoalmente. As noticias que requeria, os informes de que necessitava eram immediatamente fornecidos pelos dois officiaes, optimos auxiliares do barão. E Ketty era como o braço executor de seu impulso quando chegasse o momento decisivo na occasião propicia.

Esse momento se ia approximando lentamente. Mas se approximava de um modo fatal. Moldavia soffria a invasão dos exercitos do reino vizinho, que, com o pretexto de garantir a vida de seus concidadãos, o que faziam era sustentar uma situação politica e uma dynastia nada grata á generalidade da nação.

O panorama politico de Maldavia era sombrio.

Corriam de mão em mão, nas fabricas, nas officinas, nas redacções dos jornaes, proclamas sediciosos, folhas clandestinas, anonymas, caricaturas mortificantes.

Havia intrigas palacianas, reprehensões barbaras e crueis nas ruas e nas estradas, as prisões estavam cheias de politicos e militares e todos os dias se suscitavam escandalos parlamentares, emquanto o povo, dividido, se desafiava nas praças e nas encruzilhadas.

Um governo fraco, pactuando com uns e outros, para se assegurar uma fingida tranquillidade, que se perturbava uma e outra vez. E em Palacio os sarãos, festas elegantes, bailes...

O barão, aquella noite, expoz sua situação politica. Pintou-a com seus tons sombrios, e adduziu razões poderosas. Emquanto o paiz, esterilmente, se desfazia em terriveis lutas fratricidas e o Thesouro desmoronava com "deficits" que augmentavam cada dia, e os ataques violentos, iracundos, dos jornaes punham por terra, facilmente, os governos, os realistas consentiam toda sorte de violencias e despotismos tyrannicos. E o principe jogando *golf* e montando a cavallo, suas diversões favoritas!...

— Chegou o momento — gritou um dos officiaes da Guarda Imperial. — Agora, Ketty, chega a tua vez...

Fez-se um amplo silencio, e a gentil aventureira adoptou uma posição de suprema coqueteria. Desejava-o? Sim. Desde aquelle momento notava ella mes-

De E. Estevez Ortega

...ma que adquiria uma nova personalidade e uma importancia decisiva. Em seu interior de mulher havia uma satisfação inedita e um orgulho imperceptivel. Sabia que, *dos quatro*, era ella quem recuperava o papel de protagonista e que tudo o que fôra organizado não serviria de nada sem ella.

Os tres homens, agora, que chegava o momento, ficavam a um lado, e começava sua difficil actuação. Além disso, na contribuição que cada qual punha na causa, ella prestava o que mais agradava á sua vaidade de mulher. Dava sua formosura, seus encantos femininos, seu poder suggestivo para attrahir, para conquistar, para seduzir o principe. E depois...

Não tremeu. Sua sensibilidade não se inquietou nem de leve ao pensar que sua actuação teria, necessariamente, um epilogo tragico. Pensou maduramente sobre o caso. Sim. Ella tinha que matal-o... E o mataria!

A occasião surgiu de repente, quando menos o esperavam os *quatro*. Foi numa festa na embaixada de Suvia, a que compareceram o principe, o barão Stanislausky e os dois officiaes e Ketty.

Chegou a noite, e, como o tinham preparado, Ketty foi apresentada ao principe por um dos officiaes.

Seu encanto, sua coqueteria, sua figura insinuante fez immediatamente o effeito desejado.

O principe, pelo braço della, foi conduzido a um recanto solitario do *hall*.

O principe não desconfiava de nada.

Olhava Ketty com deslumbramento, com enlevo amoroso. Deixou cahir, além disso, em seu ouvido, umas phrases dolorosamente sentimentaes, ditas com accentos de sinceridade e renuncia...

O principe não era feliz.

Não lhe importava tambem morrer. Disse-o com um tom de suprema indifferença.

Depois lhe fez outras varias confissões.

Ketty ouvia-o primeiro com desdem e depois foi prestando mais attenção á palestra insinuante, suggestiva, do principe, loquaz e communicativo como não esperava ella.

Houve um momento em que a voz delle lhe pareceu distante e confusa.

Amadurecia seu plano, e as phrases do principe penetravam em seus ouvidos como gottas de chuva que ninguem recolhe, mas que fecundam...

E, de subito, o momento fatal não tardou em se apresentar.

Foi o principe mesmo quem deu o pretexto.

— Faz calor — exclamou — e as danças levantaram um pouco de pó! Tenho a garganta sécca!... Quer acompanhar-me ao *buffet*?

— Tenho uns bombons admiraveis — replicou ella, então. — São refrescantes. Vossa Alteza quer?

— Com muito prazer...

Ketty vacillou apenas um momento.

A naturalidade, o encanto pessoal do principe, seu olhar tão sereno...

Abriu a bolsa. Procurou...

— Ah! Pois não os tenho... Perdão! Vamos ao buffet.

No dia seguinte, quando o barão foi á casa de Ketty, a encontrou morta.

Envenenára-se voluntariamente com o bombom que não quiz dar ao principe...

A Cêra Mercolized revela a belleza occulta

Todas as senhoras podem livrar o seu rosto do feio aspecto que lhe dá a pelle murcha, empregando, para tal, a Cêra pura Mercolized que se adquire em todas as pharmacias. Seguindo o tratamento indicado pelas instrucções a Cêra Mercolized fará desprender a epiderme gasta e murcha, fazendo com esta desapparecerem todos os defeitos da face, taes como sardas, manchas, espinhas, etc., e assim a cutis recupera o delicado aspecto juvenil.

Basta deitar em um copo de agua quente uma tablette de "Stymol" em venda em todas as pharmacias, para obter a desapparição instantanea dos cravos.

A Cêra Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 e 7$000

ELOGIO DO INIMIGO

De Catharina Milka Baratz

PÓDE parecer-te estranho, inimigo meu, mas eu te quero bem!

Quero-te muito bem pelo mal que me desejas e que, por isto mesmo, não se realiza; pela tua constante preoccupação em me deprimir aos olhos de outrem; pela inveja que tão corajosamente patenteias!

Quero-te bem por seres tão dedicado e me popularizares gratuitamente; por propagares, com a elasticidade de tua fantasia, os meus minimos movimentos, como si eu fosse uma celebridade cinematographica!

Vales, para mim, muito mais que um amigo, pois que este é burguez, benevolente, platonico, e deixa-me indifferente, emquanto que tu encarnas a indignação e a revolta, a paixão humana em toda sua verdade!

E's o symbolo da fraqueza e da imperfeição; mas eu amo a tua mesquinhez, a tua humildade moral, pelo que de real em si encerram!

Toda a vez que alguem me aponta o teu vulto, sempre encoberto com o véo de tua inseparavel companheira, — a hypocrisia, — sinto-me vibrar numa sensação de força e de desafio! E, quando me falam de ti, encontro nos detalhes de tua calumnia tantos louvores á minha insignificante pessôa, que só me resta um sentimento de admiração pelo methodo original que empregas para realtál-os.

Gosto de tua covardia, que prova o respeito que me devotas! Do teu olhar desconfiado, medroso, que te denuncia e que me tráz um prazer máo! Gosto de tudo que me vem de ti, porque sabes dizer-me as coisas bôas sem o auxilio do sorriso enfadonho e da sinceridade proclamada!

Tens a sciencia da côr, pois sabes realçar a alvura das minhas qualidades, emprestando-lhes os matizes mais escuros!

E és tão modesto, que nunca falas de ti. Ha tanta arte em te dares a conhecer, cuidando apenas dos outros...

Ainda te admiro, porque os meus verdadeiros defeitos é que tu não sabes ver. E's tão bom inimigo meu! A tua perspicacia se estende na proporção restricta da superficialidade. E é isso a tua maior gloria para mim!

Eu te amo, pois, por tudo isso que me dás tão desinteressadamente, sem a minima affectação, — desnudamente, como o amigo o não sabe ser!

E si bem que o meu amor por ti venha de uma causa tão egoista, eu te louvo ainda pela faculdade que tiveste em inspirar-m'o!

ANNUNCIOS NO CÉO

OS poetas e romancistas são, muitas vezes, precursores. Sabe-se como se realizaram as antecipações de Julio Verne. Villiers de l'Isle-Adam o estranho escriptor, fez o mesmo: Não predisse, num de seus contos — L'Affichage celeste — o que recentemente se fez.

Toda Paris esteve de rosto voltado para o céo olhando para o avião que, na tela azul do céo, desenhava, em letras de fumaça branca, o nome de um fabricante de automoveis.

Não é o mesmo processo que Villiers de l'Isle-Adam preconizava, mas o fim, é o mesmo. Na expressão de ironia cruel, elle escreveu:

"Para que abobadas de azul, que não servem senão para campo de imaginação doentias? Não se adquiriria legitimo direito á gratidão publica, e, mesmo, á admiração da posteridade, utilizando os espaços vazios com espectaculos real e efficazmente instructivos, valorizando esses campos immensos e tornando lucrativas essas extensões infinitas e transparentes?"

De nada serve o sentimentalismo. Negocios são negocios.

Villiers imaginava um engenheiro M. Grave, que, com fortes jactos de magnesio ou luz electrica, traçasse no céo reclames para espartilhos, chapeos, drogas, etc...

A fantasia da vespera tornou-se a realidade do dia seguinte.

NEY LEONCIO (Capital) — Ha cartas que apparecem nesta pagina como motivo de pura zombaria; outras, porque o seu assumpto interessa á generalidade dos leitores; outras, porque são uma homenagem do proprio signatario. A sua está nesse caso. Realmente, a melhor maneira de homenageal-o é revelal-a ás leitoras bonitas, que, desse modo, ficarão conhecendo um poeta joven de força.

"Distincto Yves: — Saudações: — Começo dizendo que o signatario desta é um joven estudioso, com pretenções a poéta, já tendo organizado mesmo qualquer cousa neste sentido, o que lhe valeu uma cadeira em academia provinciana.

Póde estudar com algum confórto, não sendo, portanto, um desses heroes que nos aponta a historia, que embalam a intelligencia ao rythmo das vicissitudes.

A principio, quando tentava *trazer de dentro* alguma cousa que se fizesse colorido e sonoridade, achava sempre, ahi, como que um pedaço multifario do symbolismo verlaineano, umas sombras de Hugo, e muita cousa mais que só se vence quando o cerebro, já senhor de si, embebe-se no phosphato decisivo da imaginação independente e creadora.

Conhecendo vossa obra litteraria e lendo, quando póde, as vossas prestigiosas conjecturas de "Fon-Fon", atinou em remetter *alguma cousa ao irmão mais velho*, na esperança de receber, em troca de tanta ingenuidade, algumas palavras em resposta que, dada a vossa reconhecida lhaneza de espirito, poderão, quando muito julgar desfavoravelmente aquillo que eu julgo ser a minha quinta-essencia, senão a razão mesma de minha passagem pelo inolvidavel Paraiso Terrestre.

Este soneto que, com a devida venia, vos dedico, foi escripto na gloriosa Parahyba, nas proximidades do Cabo Branco, que, como sabeis, confere áquelle estado o privilegio de ser o mais oriental do Brazil, o mais proximo, portanto, pelo lado do Atlantico, da velha Asia maravilhosa, berço dos Deuses, onde os mysticos e sabios guardam o luminoso segrêdo das Verdades Supremas.

E' um

"QUADRO *PARAHYBANO*"

Seis e meia. Crepúsculo. Na praia,
Onde das ondas vae quebrar-se a [giba,
Como que em attitude de atalaya,
Um trêmulo palmar os ares liba.

A tarde rosa já no azul desmaia
E a noite vae cobrindo a Parahyba.

O mar, bramindo em meio á sa- [pucaia,
Sonha subir, sonha vencer a riba.

A Natureza, em extase, estremece.
Macia como um beijo, a noite desce
Com o fulgor de seu lucido cortejo.

Agora, no horizonte azul informe,
O Cabo Branco, numa luta enorme,
Symbolisa o meu Sonho e o meu [Desejo."

Lamento não dispôr de espaço para os demais poemas, como "Preludio", "Crepusculares" e os triptycos "A' minha declamadora".

O sr. confessa ainda estar influenciado pelos mestres lidos e assimilados. Talvez dahi decorra a sua tendencia para o verbalismo que, si embelleza de algum modo os seus poemas, torna-os, entretanto, um pouco emphaticos.

Quanto ao mais, sou do parecer que o sr. é um poeta em formação, é verdade, mas dotado de grande pujança e vigor expressionaes.

MORENA (Capital) — A sua missiva me faz uma consulta muito interessante. Fala sobre livros que devem e não devem ser lidos por moças.

Escreve, textualmente:

"Caro Yves. — Desde já póde ficar tranquillo: não se trata de versos e sim de livros.

Sou uma pequena leitora do *Fon-Fon* e uma grande admiradora da sua secção "Saibam Todos".

Yves: venho nesta pedir-lhe um grande favor; como você fala muito e parece apreciar, o escriptor, Oscar Wilde, peço-lhe que me diga qual o livro que você aconselha, desse escriptor, para moças, e se desse escriptor, não aconselha nenhum, rogo-lhe que me indique outro!

Tambem quero que me informe quaes são os ultimos livros de M. Delly.

Sem mais, desde já agradeço-lhe e peço não reparar nestas linhas mal feitas, pois, ainda me falta (um quê) para fazer cartas. — *Morena*.

N. B. O seu proximo romance "Uma garçonne carioca" uma moça, póde ler?"

Resposta:

1.º — Livro é assumpto que não comporta indicação, — a não ser em casos especiaes. Livro é como perfume: depende da educação espiritual das pessôas. Os livros que me agradam, sem duvida não serão os mesmos que lhe possam agradar.

2.º — V. ex. pede livros de Oscar Wilde. Ora, foi justamente esse estheta que escreveu este velho conceito que anda correndo mundo: "Não ha livros immoraes; ha livros bem ou mal escriptos". Mas v. ex. é definitiva: põe a questão da moralidade nos livros...

3.º — Para evitar dissabores, e não podendo prevêr até que altura póde subir a columna do thermometro da pudicicia das leitoras, eu resolvo não indicar livros a quem quer que seja. A moral — principalmente a bibliographica — é coisa que varia ao infinito...

4.º — Deante disso, até o meu pobre romance "Uma garçonne carioca" é incluido no *index* do "Saibam todos"... Direi apenas: o meu livro, versando sobre as mulheres infelizes, não é feito para as "jeunes filles" que só conhecem da vida o lado côr de rosa. Lel-o é um peccado, mlle. Morena. Cuidado! V. ex. póde não ir para o céu...

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 17 - 10 - 931

Data da consulta ....

Nome da consulta ....

....

DORIAN WINDERMERE (?) — Sua fantasia *Joujou* está bem realizada. Essa a minha opinião — embora não me fascine esse genero de literatura que não reserva ao leitor, no seu desfecho, mais uma decepção. Lembra os annuncios de "salvados de incendio". O *bluff* é reservado para o fim da leitura.

Mas a minha opinião não é lei, não é dogma.

MATTOS ALEM (?) — Aqui está a sua carta, onde o sr. me protesta a lealdade da sua sympathia e amizade. Obrigado. Realmente houve um malentendido, a esse respeito; mas agora constato que as coisas estão esclarecidas. Antes, assim.

Relativamente á phrase dolorosa, que sabe ter sido pronunciada pela senhorita linda, seria realmente uma offensa, um crime mais que hediondo, si não fôsse uma leviandade feminina, revestida de uma perversidade mesquinha. Mas é bom não esquecer que ha gestos e pensamentos do tamanho exacto da alma de quem os executa e concebe...

Ao poeta — qualquer que seja a sua situação — resta o doce consolo de saber que está acima de

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

certas almas, cuja altura se mede pelos seus gestos e pensamentos liliputeanos...

RINA (Capital) — V. ex. teve uma attitude bastante feminina. Com uma delicadeza inesperada, retribuiu a minha delicadeza. Enviou-me um livro de presente. Foi habil. Provou a sua these. Realmente, só a idéa de se adquirir uma obra qualquer, traçar nella uma dedicatoria, e leval-a ao correio, é uma demonstração de gentileza. No emtanto, Bilac escreveu: "ha finezas que mais parecem offensas"...

Eu accrescento: ... "quando essas finezas não nascem do coração..."

Yves

O patrão (raciocinando) — Foi muito bom ter chegado; desejava, dizer-lhe ha muito tempo, que não admitto que se faça isso com as empregadas...

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* ***Gesteira***

O Melhor tratamento é usar *Regulador* ***Gesteira.***

Sim! Sim!

Regulador ***Gesteira*** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* ***Gesteira***

A MORTA

DE GOMES NETTO

"SÃO Sebastião, 15 de maio de 1919.

"Meu estimavel Armando:

"O coração traspassado pela mais pungente dôr de minha vida, sinto que devo confiar a alguem, posto que muito longe do scenario desta dolorosa tragedia, o terrivel do drama de que fui protagonista, no palco da vida, epilogado ao fechar angustioso de dois olhos, na agoniada tarde de cinza e desolação.

"Sim, venho de regressar do campo santo, sob o peso de cruciantes padecimentos, até onde fui levar á sua ultima morada, vae para uma semana, aquella que escolhi, inebriado pelo encanto fascinante de sua linha de elegancia espiritual, para companheira de minhas desventuras e alegrias.

"Disse uma artista da palavra que a dôr é uma necessidade de nossa natureza, um elemento indispensavel de nossa perfeição moral, e eu o creio, porque julgo haver redimido todos os meus peccados de homem, bom, á sua chamma rubra e obstinada.

"Marietta era o seu nome. Tu não n'a conheceste, sinão após o nosso enlace ruidoso, como eu a vi, á primeira vez, irradiante de formosura e castidade, no balcão daquella casa de modas da rua do Ouvidor. Então, acredito que jámais me reprovarias o gesto abrupto, ditado de uma paixão desvairada e céga.

"Introduzi-a em a nossa melhor sociedade, proporcionei-lhe os maiores attractivos que o dinheiro póde inspirar e, de uma modesta "vendeuse", fil-a uma dama fulgurante, o pólo convergente de todas as attenções sociaes.

"Uma manhã, justamente á passagem de nosso feliz primeiro anniversario matrimonial, vi-a pensativa, como mergulhada em mysterioso soliloquio. Uma nevoa de sincera tristeza parecia sombrear-lhe os olhos de mel ao inquirir-lhe, apprehensivo, si experimentava algum mal subito.

"— Oh! querido, não te preoccupes. Estava pensando em minha mãe, que tanto me estimava e queria — respondeu-me.

"Esqueci-me, na luta diaria pela vida, dessa passagem, para mim, puramente sentimental. Vezes havia em que a affeição de Marietta assumia o pathetico, e eu, zeloso, recêiava que ella viesse, de futuro, a soffrer qualquer desequilibrio nervoso, de lamentaveis consequencias. A sua alma era um violino, em perenne vibrações, em cujas melodias estranhas talvez procurasse suffocar algum sentimento curioso.

"Encontrei-a, certa occasião, em que tive de regressar á casa, inesperadamente, a revolver um pequeno cofre de papeis e photographias.

"Surprehendida com minha presença, um traço de irrefragavel emoção estampado nas faces empallidecidas, ella fechou o movel, entre precipitada e temerosa, como um delinquente inexperto.

"Ah, a duvida é um punhal aceroso e cruel. A's minhas indagações, Marietta, entre lagrimas ardentes, pediu-me a poupasse e não insistisse em conhecer o conteúdo do cofre. "Tratava-se de reliquias, documentos de familia, preciosos, que só a ella interessariam. "Jurou-m'o, de joelhos, num lance tão commovente, que eu a ergui do sólo e, pesaroso, lhe cobri as mãos lyriaes de beijos quentes e apaixonados. Sim, eu era um louco!

"Ao dia seguinte, para espairecer a tristeza de seu semblante, e alegral-a, arrependido do que fizéra, convidei-a para irmos ao Municipal, onde Brulé, o grande André Brulé, fazia as delicias do "smart" citadino.

"Rimo-nos, da finura de sua "verve", discreteámos com o vizinho da friza ao lado, e, á sahida, madrugada já, surprehendeu-nos terrivel aguaceiro.

"Pobre Marietta! Ao dia seguinte, ella accusava febre alta, proferia phrases sem nexo e, nos paroxysmos, que precediam aos espasmos, murmurava: "Eu sempre te fui fiel, amor, em espirito e coração."

"Como me cortavam a alma essas palavras lancinantes! A' terceira noite, a pneumonia francamente declarada, minha mulher, máo grado os recursos da sciencia, deixava de existir, e sobre mim desceu o negro crepe de uma noite infinda.

"Aqui é que tem inicio o capitulo horrifico de minha vida: voltando á casa, a curiosidade venceu-me o escrupulo, e não pude soffrear o desejo de desvendar o segredo do tal cofre, e antes não o fizesse, porque a sua revelação significou uma descarga de balas que eu recebesse em plenos olhos. Pela missiva abaixo, melhor comprehenderás:

"Lorena, 20 de junho de 1918.

"Marietta:

"Beijando-lhe as mãos, não sei como expressar o meu grande contentamento ao sabel-a "feliz", por haver encontrado, no mundo, "um homem absolutamente parecido commigo", em physico, maneiras de sentir e intelligencia, capaz, portanto, de supprir a minha ausencia forçada, e sem ter de dar contas á hypocrita sociedade, como eu, um infeliz condemnado pelo puritanismo perfido. Creia-me, o orgulho de que me sinto presa, neste momento, é indescriptivel, ao saber que os melhores minutos de sua vida, aquelles que limitam os repentes de felicidade, são meus e a vibratilidade sensorial que os recebe vem, pelos labios impalpaveis do pensamento, depositál-os em meu peito... Oh, comprehendo bem: seu marido é, apenas, o instrumento, a machina inconsciente, que gera o milagre de fazel-a feliz em meu nome, já que detém as mesmas qualidades e defeitos de que me dotou a natureza.

"Que elle nunca suspeite de nosso amor e possa acreditál-a inteiramente feliz, Marietta. Do que a adora, com intimo fervor — *Leonardo.*"

.. ..

.. ..

"O que sinto, agora, é um mixto de odio, asco, rancor e sêde de vingança, ante a ignobil farça de que fui victima, durante longos mezes de supposta ventura, enganado, ludibriado no mais caro de meus sentimentos, a ponto de servir, na minha insensatez e ingenuidade, de simples "instrumento"!

"Então, eu nada mais fui, na vida dessa mulher, artificiosa e falsa, que um substituto legal, um sósia autorizado de seu proprio amante!

"A colera que me domina, ao recordar a hypocrisia de seus éstos de amor inflammado, é dessas que exigem contas e sangue. Della, de seu corpo infame, polluido pela mentira e os vermes, nada mais posso exigir, pois que á minha revolta sua campa permanecerá na inviolavel mudez das coisas findas.

"Mas, a elle, a esse homem, por artes do demonio meu gemeo, que tudo poderá fazer em meu nome, e até subtrahiu a affeição legitima da que foi minha esposa, saberei exigir, em paga, a sua vida. — *Marcos.*"

UM MONSTRO ENTRE NÓS!

— Você está ruinzinho companheiro! Com essa cara, você nunca será nada na vida.

— Pois é. Eu mesmo vejo que estou dando para traz. Já estou amarello, igual a ovo frito. Sinto preguiça para tudo, e, agora, para maior desgraça, só tenho vontade de comer terra... Não posso atinar com que diabo me entrou no corpo...

— Isso é opilação, homem de Deus. E você será um grande idiota, se não tomar quanto antes, a Panvermina. Eu estava peor do que você, e veja agora como fiquei, em poucos dias, com estas côres lindas de maçã da California, e sinto um appetite de comer e trabalhar que seria capaz de virar o mundo.

— Mas isso não é ruim de se tomar?

— E' sopa... A Panvermina vem em globulos de gelatina, facilimos de engulir, não tem sabor, não causa vomitos, e dispensa purgante.

N. da R. — A opilação é, depois da syphilis, o maior flagello dos brasileiros. A bôa saúde só se consegue com os intestinos limpos de vermes. A Panvermina opera esse milagre. E' de resultado rapido e seguro na extincção desse monstro, o verme, nos adultos e nas crianças.

A VOLTA — De Julio Saenz

TRABALHAVAM juntos naquelle escriptorio, perdido no trafego do porto. Alli se haviam conhecido e o trato quotidiano os fôra approximando até que seus corações viram alguma coisa mais do que o simples companheiro.

A principio, occultaram aquelle amor, que nascia dentro delles, dos olhares de todos, como si tivessem medo que o profanassem.

Ella era dactylographa e tinha a alegria dos passaros nos dias de sol. Seus collegas de escriptorio a chamavam de coquete e attribuiam-lhe historias de outros amores e velleidades.

Mas Annibal estava profundamente apaixonado por ella e só via naquelle amor a realização de uma proxima felicidade.

Era grave, com essa gravidade dos que soffreram muito na vida, dos que sentiram como o destino desmoronava todas as suas illusões.

Quando chegava a hora de sahida, e o escriptorio era invadido pelo silencio, elles, como dois passaros livres, se dirigiam, felizes, para os velhos jardins da cidade, que se apagavam com os ultimos raios do sol.

Muitas vezes elle contemplava sua belleza fragil e sentia temor de perdêl-a, tinha médo de que aquelle amor, que illuminava seus dias sombrios, pudesse terminar bruscamente, levando comsigo a maior illusão de sua vida.

Casilda, porém, não amava o bastante a Annibal para que seu espirito se conformasse com aquelle lar que elle, tantas vezes, a fazia presentir.

Era bonita, de uma belleza ingenua, e de todo o seu ser irradiava uma sympathia que se communicava ás pessôas que viviam em torno della.

Sua vaidade de mulher formosa sentia-se esmagada por aquelle escriptorio aonde, pontualmente, era obrigada a ir. Era algo que pesava sobre ella como a lousa de um tumulo. Aquella clausura nos dias de sol, sentindo fóra o triumpho esplendido da vida, emquanto ella continuava batendo sempre no teclado da machina de escrever, como uma expiação, como si seu destino só fosse aquellas paredes do escriptorio, aquellas cartas que seus dedos faziam surgir, e que iam para muito longe, para outros paizes que ella desejaria conhecer.

Foi uma luta surda entre o instincto de vaidade e os sentimentos de seu coração.

Tinha medo de destruir seu amor, o primeiro que

CAIXA DE SURPRESAS

A PHRASE DE UM SOLDADO

— A guerra russo-japoneza offereceu ao mundo exemplos de coragem e valor verdadeiramente sobrehumanos.

A resposta de um coronel nipponico ao general Nogui, ás portas de Porto Arthur, merece o registo que lhe vamos dar.

Foi quando os japonezes tomaram de assalto a celebre colina dos cem metros, custando-lhes a victoria rios de sangue. Momentos depois da enorme carnificina, Nogui disse para o coronel commandante de um regimento:

— Vosso batalhão é o primeiro neste mundo!

— General! — replicou gravemente o coronel — tambem será o primeiro no outro...

A CASA DE LONGFELLOW

— Henry Wadsworth Longfellow é o mais popular poeta dos Estados Unidos. Passou grande parte de sua juventude em Portland, Estado de Maine, em uma casa hoje conhecida com o nome de "casa dos Wadsworth."

A querida irmã do poeta, Anna Longfellow Pierce, que morou na referida casa durante cerca de 87 annos, conservou-a no mesmo estado em que se achava ao tempo de sua feliz infancia, legando-a, ao morrer, em 1901, á Sociedade Historica de Maine, para que a franqueasse ao publico. Cada quarto da famosa residencia encontra-se no mesmo estado, em que se achava quando o poeta nella morava. Todos os moveis e pertences da familia ahi estão tambem, guardados e cuidados com o maior desvelo.

A casa, que está sempre aberta ao publico, é, hoje, uma especie de Méca para os admiradores do grande poeta americano.

O CASAMENTO EM LADAK

— Ladak é um dos poucos logares do mundo onde ainda se pratica a polyandria — quer dizer, onde cada mulher se póde casar com varios homens. Uma joven que se casa com o filho mais velho de uma familia torna-se, automaticamente mulher de todos os demais irmãos, salvo se algum desses tiver abraçado o estado monastico. Como é natural, isso determina um apreciavel excesso de solteiras, que, geralmente, *et pour cause*, se fazem monjas. Dahi a razão porque são numerosissimos os mosteiros budhistas femininos...

A VOLTA — *(conclusão)*

havia conhecido. Via Annibal cada vez mais apaixonado, mais dominado, com maiores projectos da felicidade que já suppunha sua.

Muitas vezes chegou junto delle disposta a confessar-lhe seus sonhos, longe do escriptorio maldito, rodeada de luxo e conforto, da vida que sua vaidade e sua belleza exigiam. Depois, a seu lado, sentia que toda sua energia desmoronava e as palavras de desengano não conseguiam sahir-lhe dos labios.

Comprehendeu que nunca teria coragem para destruir, frente a frente, as illusões que floresciam no coração de Annibal.

Mas, á medida que passavam os dias — aquelles dias que se lhe afiguravam cinzentos e vazios — ia tomando um grande odio pelo escriptorio, pelo que alli a cercava, por toda a sua vida presidida pela modéstia e onde sua belleza emmurchecia lentamente.

"Annibal:

"Antes de escrever-te esta carta, hesitei muito.

"Sei o mal que te vae causar. Mas prefiro fazel-o a continuar enganando-te, pois sei que cada dia que passe o mal seria maior.

"Parto para longe. Não pretendas saber para onde. Nosso destino é um pouco mais forte do que nossa propria vontade. Nunca me poderias fazer feliz, porque minha felicidade não está só no grande amor que me tens. Minha fantasia é exigente e nunca lhe poderias dar o refinamento e o luxo que ella me pede. Perdôa-me, pois eu mesma não sou culpada. Quero-te e sempre te quererei. — Casilda."

Dobrou a carta, depois de lêl-a lentamente, e fechou o enveloppe.

Em seguida perdeu seu olhar em uma ausencia de si propria nas paredes daquelle pequeno quarto que em breve iria deixar.

Sobre a mesa, umas rosas murchas agonizavam lentamente, como illusão...

Como nas grandes dores, Annibal ficou petrificado. Nem um protesto, nem uma lagrima, nem um gesto que pudesse denotar a rebeldia interior.

Comprehendeu, com essa resignação do inevitavel, que aquelle passo era o definitivo em sua vida.

Havia algo superior á sua vontade que lhe impedia de ser feliz. Não tentou sêl-o de novo, nem procurou outro amor que pudesse matar a recordação do que se fôra. Integrou-se em sua vida modesta e solitaria com essa renuncia dos vencidos, dos que já nada esperam.

Mas, como uma queimadura que não sanasse, levava comsigo a lembrança daquelle amor em que puzera todas as suas ultimas illusões.

Varias vezes a vira dentro da elegancia de seus trajes, mas sempre notára em seu rosto um véo de tristeza.

Ouviu seu nome como actriz de uma companhia que percorria os Estados.

Depois passou muito tempo sem vêl-a, sem ter noticias della.

Uma tarde, ao chegar á pensão, lhe entregaram uma carta. Annibal reconheceu no enveloppe a letra fina e nervosa de Casilda.

Vacillou antes de abril-a. Receiava lêl-a e que sua natureza de homem rolasse por terra ante uma supplica daquella mulher.

Casilda não falava de amor. Apenas lhe pedia sua influencia dentro daquelle escriptorio no sentido de obter que ella voltasse para alli.

Pretendia seu antigo posto, deante da mesma machina, escrevendo as mesmas cartas para os paizes que sonhou conhecer.

Annibal lutou entre o amor que renascia, mais forte que os proprios convencionalismos, por cima daquella sociedade onde vivia, e a baixeza que para elle suppunha o interceder perante seus chefes pela mulher que, outr'ora, destruira suas illusões mais queridas.

Pediu por ella. Moveu influencias, valendo-se de todos os seus conhecimentos, e Casilda acabou sendo readmittida.

Depois, por meio de um cartão, lhe communicou o resultado de seu trabalho.

Quiz enganar-se a si mesmo pensando que seu amor enfraquecêra.

Mas, no dia seguinte, foi mais cedo para o escriptorio e esperou anscioso que ella chegasse.

Casilda veiu pallida, humilde, com a humildade dos que renunciam.

Annibal viu-a em todo o seu desengano e sentiu que suas illusões tornavam a florescer magnificas e triumphantes.

"Vá dizendo
a toda gente"
ELIXIR DE
INHAME
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

A MULHER DE MEU AMIGO

De Sara Insua

DESENHADA na sua brancura do traje de noiva, não considerei a mulher de meu amigo nem mais nem menos interessante do que outras mulheres em identicas circumstancias.

Foi depois, pouco a pouco. Residia o casal em um apartamento esplendido, que estava mobiliado com raro gosto.

Todas as quintas-feiras, offerecia um jantar ás pessôas de suas relações, que compareciam de accordo com a vez que lhes tocava. Eu, como amigo intimo do marido — amigo desde o collegio — comparecia a todos esses jantares.

Após o ágape, impeccavel no *menú* e serviço, se palestrava e se jogava no salão.

Ella, a mulher de meu amigo, era amavel, muito amavel, graciosa, aguda, opportuna.

Eu não tinha nem grupo nem *aparte* no salão. Aproximei minha cadeira da cadeira da dona da casa.

Conversámos. Ella me pedia que lhe falasse de minha infancia e de minha adolescencia, pelo facto de se relacionarem essas épocas de minha vida ás mesmas da vida de seu marido.

Contava-lhe nossas travessuras, nossas odysséas de fim de curso, nessas sympathias ou antipathias entre os cathedraticos.

Comecei a esperar as quintas-feiras com impaciencia. Notei que ene accommettia uma grande ansiedade ao entrar no elevador da casa de meu amigo, e que, ao encontrar-me em presença de sua mulher, me sentia repentinamente alegre.

Que horror! Estava apaixonado pela mulher de meu amigo!

Era terrivel. Eu queria fraternalmente a meu amigo. Em minha familia — segundo parece — todos os homens foram cavalheiros. Em todo caso, eu, por meu lado, me sentia com a sufficiente força de vontade para suffocar uma paixão peccaminosa. E jurei a mim mesmo respeitar a mulher de meu amigo.

Talvez meu temperamento bem normal, o ter vivido muito intensamente minha primeira juventude — tudo isso me permittisse manter o juramento.

Esse amor desgraçado me fez feliz.

No club, durante as tregoas das conversações, em minha casa, depois de ler os jornaes, ou após o almoço, emquanto fumava um charuto, a lembrança daquella mulher vinha visitar-me.

Era uma apparição consoladora. Depois, de bom humor, eu ia ao theatro, ao alfaiate, á sala de armas. Vivia, emfim.

Além disso, a confiança, perfeitamente logica, que chegára a existir entre a mulher de meu amigo e eu, me permittia falar-lhe de meus negocios, de minhas inquietudes, de meus projectos, como a uma irmã ou como a uma esposa.

A vida rodava gratamente.

Mas, num inverno, uma pneumonia obstinou-se em levar meu amigo, e o conseguiu.

Ella não tinha irmãos. Era o amigo mais intimo eu. Deixou-me como testamenteiro.

Continuou, assim, minha amizade com a viuva. Enlutada, ella estava bellissima. Já não havia obstáculo que me impedisse de falar. Puz-me a pensar naquillo que deixára de ser impossivel. Pensei em como seria, então, minha vida, nossa vida. E pensei muito, porque me alarmou a possibilidade do desencanto.

Por isso, lhe disse:

— Você está muito moça... Não tem filhos... Devia casar-se novamente...

Ella, que provavelmente conhecia de ha muito o meu segredo, esperava aquellas palavras.

O que não esperava foi o que accrescentei:

— Sim, devia casar-se novamente... Do alto, elle o approvará. E eu, minha amiga, terei muito prazer em servir-lhe de padrinho...

A CAMISA DE DORMIR

A senhora Soupe, mulher de sua casa, muito economica, sentiu-se attrahida pelo pregão de um vendedor ambulante, que offerecia soberbas camisas de dormir para cavalheiro.

— Por cinco francos esta formosa camisa de dormir! Que são cinco francos? Uma miseria. Não vacillem em aproveitar esta verdadeira pechincha!

A senhora Soupe, mulher que gostava de fazer economia, pensou:

— De facto, são uma verdadeira pechincha, essas camisas! Comprarei uma para Heitor.

Heitor era seu marido. Mostrou-se encantado com a acquisição de sua mulher, e a vestiu — a camisa, naturalmente — durante sete dias. Ou melhor, sete noites...

A senhora Soupe lavou a camisa, e quando o homem tornou a vestil-a, viu que a prenda lhe ficára muito curta com a lavagem.

— Ficou-me muito curta para camisa de dormir.

— Nesse caso, podes usal-a de dia.

— Bôa idéa.

Na semana seguinte, a senhora Soupe lavou de novo a camisa, e Heitor viu que esta ficára ainda mais curta.

— Agora já não podes vestil-a — disse-lhe sua mulher. — Mas não importa: servirá para Arthur.

Arthur era o filho mais velho. Tinha quinze annos, e estava orgulhoso de sua idade. Herdou a camisa.

Mas, na terceira lavagem, a camisa diminuiu ainda mais de tamanho, e então a senhora Soupe começou a inquietar-se.

— Parece-me que me enganaram. Esta camisa está encolhendo muito. Mas, emfim, servirá para Totó.

Totó era o caçula da familia. Tinha dez annos e não os apparentava. Ficou encantado de ser o novo possuidor da camisa.

— Fica-me um pouco apertada nos hombros — disse. — Mas posso vestil-a.

Usou a camisa durante uma semana, e pela quarta vez a senhora Soupe a lavou.

Mas, ao passal-a a ferro, fez uma careta de desgosto e chamou Nenette, menina de quatro annos. A criança se apresentou com seus dedinhos no nariz.

— Toma, Nenette. Vae vestir esta camisa tão bonita. Laval-a-ei na segunda-feira, então ella poderá servir para mim...

Roger Lalardenne.

Por amor ao meu amor

De

SYLVIA PATRICIA

ERA uma vez, um poeta que escreveu um livro muito bonito, um livro que se lê e que se relê mil vezes. E o poeta intitulou o seu livro: "Divina Amargura". Tão bonita é "Divina Amargura", que mais se assemelha a uma apotheose do que a um livro de estréa. E a todos pareceu que Paulo Gustavo não poderia escrever jamais outro livro mais bello.

E, no emtanto, agora, quasi com a chegada da primavéra, as livrarias do Rio adornaram-se com uma nova floração de maravilhosas rimas, appareceu um novo livro de Paulo Gustavo, tão bello, se não mais bello — mais profundo e mais burilado — que "Divina Amargura".

O poeta dá-nos agora um poema de amor feito em rimas de oiro, um poema que se intitula "Por amor ao meu Amor"...

Bemdito amor esse que tão bellas coisas sabe inspirar! O livro é roxo. Roxo, côr de paixão. E em cada folha uma gravura, sempre a mesma gravura que se repete, representa duas cabeças, um homem e uma mulher; duas bôccas que se unem num beijo. Porque são estas as historias de amor: beijos que se repetem...

E, no livro novo do poeta de "Divina Amargura" tem a gente a estranha impressão de que cada verso é uma caricia de amor desfeita em rimas...

TEU BEIJO

E' em vão que me recusas o teu beijo,
O teu beijo dulcissimo de amor...
Pois que, os olhos cerrando, o meu desejo
No cravo de tua bocca é um beija-flor.

E, depois de sugar, louco, os teus labios
Sem nenhum impecilho, sem receio,
Guarda a lembrança dos gentis resabios
E adormece, tranquillo, no teu seio.

São assim, de uma belleza grave em ardencias de caricias, todos os versos de "Por amor ao meu Amor".

CARTAS DE AMOR

Uma carta que chegou!... Ansiosamente,
Rasgo o enveloppe para a devorar.
Que virás me dizer?... E a mão tremente
A folha, emfim, consegue desdobrar.

O teu perfume, voluptuoso e quente,
Envolve-me de manso e paira no ar.
Cartas de amor, por que será que a gente
Ha de, a um tempo, pedir e receiar?...

Por que, si taes missivas, perfumosas,
Véem repletas de sonhos e poesia
Promettendo venturas e carinhos?

E' que, a principio, trazem mesmo rosas.
Mas ha sempre o receio de que, um dia,
Venham trazer-nos tão somente espinhos!

AMAR!... PORÉM, AMAR...

Amar!... Porém amar só na medida
Do amor que, um dia, nos tocar por sorte...
Amor que mais amena torne a vida
E não nos leve a desejar a morte!...

Oh! mas amar assim como eu te amei,
Que loucura, afinal, que desvario!
E, agora, nunca mais eu te verei!...
Que coisa triste e amarga o meu destino!

Vós, ó jovens que vindes pela vida
Sem lembrar-vos, siquer, que existe a morte,
Amae, porém amae só na medida
Do amor que, um dia, vos couber por sorte!

Citei, ao acaso, alguns versos, dentre os que sei de cór; porque, se tomasse o livro, não resistiria talvez á tentação de transcrever aqui, uma a uma, como se despetala uma flor, todas as poesias!

Era uma vez um poeta que escreveu um livro que se lê e que se relê mil vezes: "Divina Amargura".

Era uma vez um poeta que escreveu um outro livro que a alma decora, mal os olhos o tenham lido: "Por amor ao meu Amor". E o poeta é Paulo Gustavo.

MYSTERIO DA BELLEZA

Que suave perfume esse teu corpo exhala!
Não és mulher: és flor! a tua cutis fina,
Setinosa ajasminada, as almas allucina,
Tão linda que o frescor d'algum mysterio fala...

Quanta inveja e despeito ás poderosas rala,
Essa tua belleza excelsa e peregrina...
Dizem cheios de assombro: É mulher e é menina.
Tal é a mocidade immensa que trescala!...

Riquissima de encantos, á falta de ouro, o ouro
Que a faria lamentar, sorriu-lhe o seu destino,
Dando-lhe em graças um colossal thesouro!

E o mysterio em fazer esse rosto divino,
Sem uma mancha só, as mãos desse anjo louro,
E' usar u'a maravilha: "Aristolino"!

292

292

CAMISOLA DE PERCAL

Elegante modelo, côres variadas, de

1 a 4 annos

1$500

160

160 — Calção de linho americano, lindo sortimento de côres.

1 e 2 annos
7$000

3 e 4 annos
7$800

5 e 6 annos
8$500

CALÇÃO PARA MENINO

em superior percal côres diversas, de

1 a 4 annos

1$500

COSTUME MARINHEIRO

em superior brim branco com duas gollas.

2 e 3 annos
10$500

4 e 5 annos
11$500

6 e 7 annos
12$500

8 e 9 annos
14$000

c/ gorro mais
5$000

272

272 — Vestido de linho americano, côres firmes.

40 Cmt. e 45 Cmt.
10$000

50 Cmt. e 55 Cmt.
12$000

60 Cmt. e 65 Cmt.
13$500

70 Cmt. e 75 Cmt.
15$000

80 Cmt. e 85 Cmt.
17$000

PYJAMAS DE SUPERIOR QUALIDADE

lindos padrões.

1 e 2 annos
6$400

3 e 4 annos
7$200

5 e 6 annos
8$000

7 e 8 annos
8$400

9 e 10 annos
8$800

11 e 12 annos
9$600

6

6

Elegante jaquetão de brim pardo

6 e 7 annos
9$800

7 e 8 annos
10$500

9 e 10 annos
11$200

11 e 12 annos
12$300

RECEM-NASCIDOS E BAPTISADOS

Enxovaes completos de recem-nascidos, de

86$000
a
500$000

Enxovaes completos de seda para baptizados, lindo e variado sortimento, de

36$000
a
400$000

Sem compromisso visitem a nossa casa

COMPAREM OS NOSSOS NOVOS PREÇOS

Examinem a confecção das nossas officinas. E depois proclame a vantagem que tem de VESTIR VOSSOS FILHOS NO

Paraiso das Crianças

Secção de uniformes e enxovaes para collegiaes

Peçam catalogos — Enviamos mercadorias pelo correio para o interior mediante vale postal

134, RUA 7 DE SETEMBRO, 134

ANNO XXV — FON-FON — NUMERO 42

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1931

Gloria in excelsis Deo

O Brasil é um paiz fadado para uma felicidade perenne. No azul do seu claro céu, quando as noites são lindas e faiscam de estrellas, domina, fulgurante, entre ellas, o Cruzeiro do Sul. O Creador, com a sua magnanimidade, determinou, na grande hora do "Fiat", que os destinos da terra de Santa Cruz ficassem sob a protecção daquelle signo. A Igreja, pelos seus chefes supremos fez, ainda, padroeira do Brasil, a Virgem que se conhece sob a evocação de Nossa Senhora da Apparecida. Mãe do Christo, "rainha consoladora dos afflictos", ella, Nossa Senhora, não necessita de que se enumerem os seus milagres. Grandes e pequenos, convictos dos seus altos poderes, da sua excelsitude e grandeza, se rojam a seus pés, dominados pelo mesmo sentimento de fé. Agora, temos o Christo Redemptor. No pico da montanha soberba, braços abertos, num gesto de misericordia infinita, o Divino Mestre é tão grande, tão magestoso, tão sublime, que só pela circumstancia de se erguer sobre a immensa móle granitica, do nosso systema orographico, nos devemos encher do orgulho, da alegria, da vaidade de ser filhos deste glorioso Brasil. Não sei porque, é tal a força de suggestibilidade que dimana da sagrada figura, abençoando a nossa patria bemdita; é tão expressivo o poder evocador do seu gesto, que, todas as vezes que os meus olhos se alçam para o Corcovado, creio ouvir, através a poeira dos seculos, a doce voz do Rabbi, recitando as palavras augustas do "Sermão da Montanha": "Bemaventurados os pobres de espirito; porque delles é o reino do céu. Bemaventurados os mansos; porque elles possuirão a terra. Bemaventurados os que choram; porque elles serão consolados. Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça; porque elles serão fartos. Bemaventurados os misericordiosos; porque elles alcançarão misericordia. Bemaventurados os limpos de coração; porque elles verão a Deus. Bemaventurados os pacificos; porque elles serão chamados filhos de Deus. Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça; porque delles é o reino dos céus. Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito..." "Gloria in excelsis Deo!" E que, todos nós, brasileiros, nesta hora da nossa nacionalidade, possamos guardar com fé inabalavel essas consoladoras palavras.

BASTOS PORTELLA

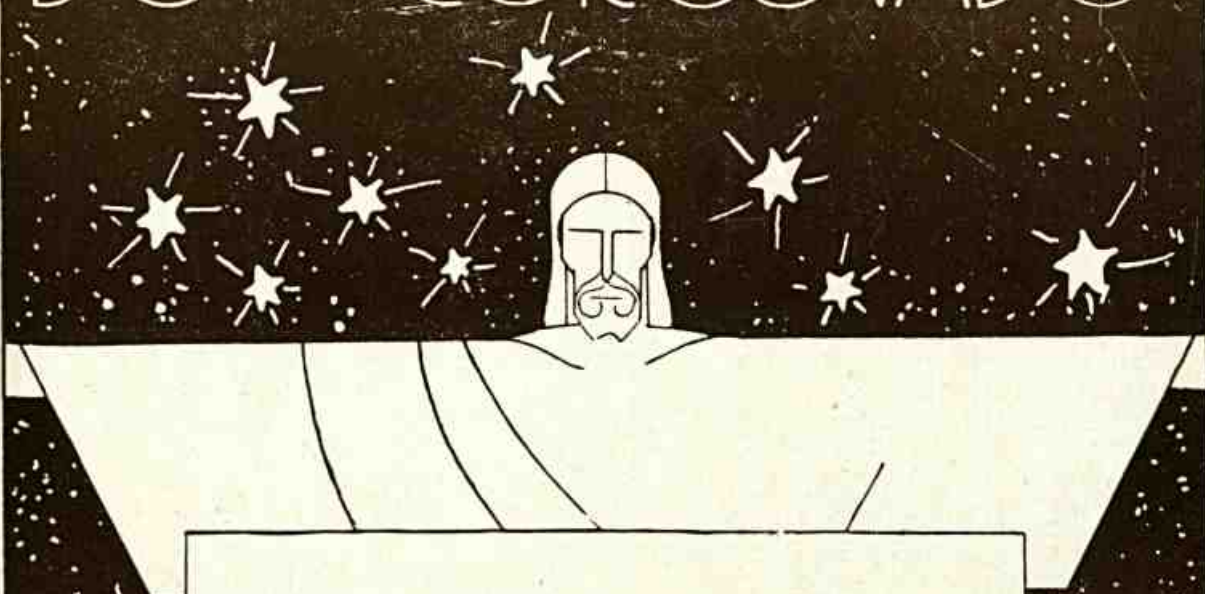
Pio XI e o Brasil

Sua Santidade o Papa Pio XI.

Si faltassem ao Brasil provas decisivas da especial affeição do Santo Padre pela nossa Patria, o acto pontificio que conferiu a d. Sebastião Leme, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, as funcções altissimas de Legado de Sua Santidade bastaria para comprovar essa affeição e o carinho paternal de Pio XI para com a Nação Brasileira. Essa investidura, a mais elevada a que póde aspirar, fóra do throno immortal de São Pedro, um bispo catholico, vem corôar de novas luzes o prestigio, decerto magnifico, do eminente prelado em cujas virtudes e meritos se revê, com orgulho christão, o Brasil crente. D. Sebastião Leme, a cujo espirito dynamico deve o nosso paiz uma série de brilhantes conquistas da Cruz — entre as quaes o Congresso Eucharistico, a obra das Vocações Sacerdotaes, o Congresso Marianno e tantas outras — ficará na chronica da Igreja brasileira como o realizador formidavel dessa obra monumental — Christo no Corcovado. Essa obra, que representa a victoria maxima do espirito catholico no nosso paiz, encontra na presença do Santo Padre, representado pelo Cardeal Legado, o mais bello dos seus applausos e a mais fructuosa das suas bençãos.

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme.

O grande monumento que a fé brasileira ergueu no alto do Corcovado e que alli assignala, neste momento, a victoria secular da Religião Catholica na terra de Santa Cruz, foi construido com o dinheiro de uma subscripção popular que alcançou mais de dois mil contos em todo o territorio nacional. A idéa de sua construcção nasceu em 1922 e, desde logo, tomou vulto, para serem, pouco depois, iniciadas as obras, sob a direcção do engenheiro brasileiro Heitor Silva Costa, que foi tambem o autor do projecto. O monumento gigantesco, o maior do mundo, pois mede 33 metros de altura, é obra do esculptor francez Paul Landowski. Durante quasi oito annos se trabalhou na construcção do Christo Redemptor do Corcovado. O cume da gloriosa montanha encheu-se de andaimes, que foram augmentando á proporção que ia crescendo a estatua de Jesus. Só ha poucos dias desappareceu o madeiramento que envolvia a silhueta imponente da imagem que desde segunda-feira, 12 do corrente, se tornou, officialmente, como que a sentinella avançada do Brasil, dominando os horizontes da nossa formosa capital. Esta pagina focaliza dois aspectos do Corcovado, tomados de avião, e mostram o nosso Christo Redemptor ainda em construcção, mas já nas vésperas de ser desembaraçado dos andaimes que alli apparecem. Esta vista da cidade é apenas uma das muitas que enchem a retina de quem subir ao Corcovado, para visitar o Christo Redemptor e admirar, lá de cima, deslumbrado e crente, a metropole onde Nosso Senhor collocou a Natureza mais bonita do mundo...

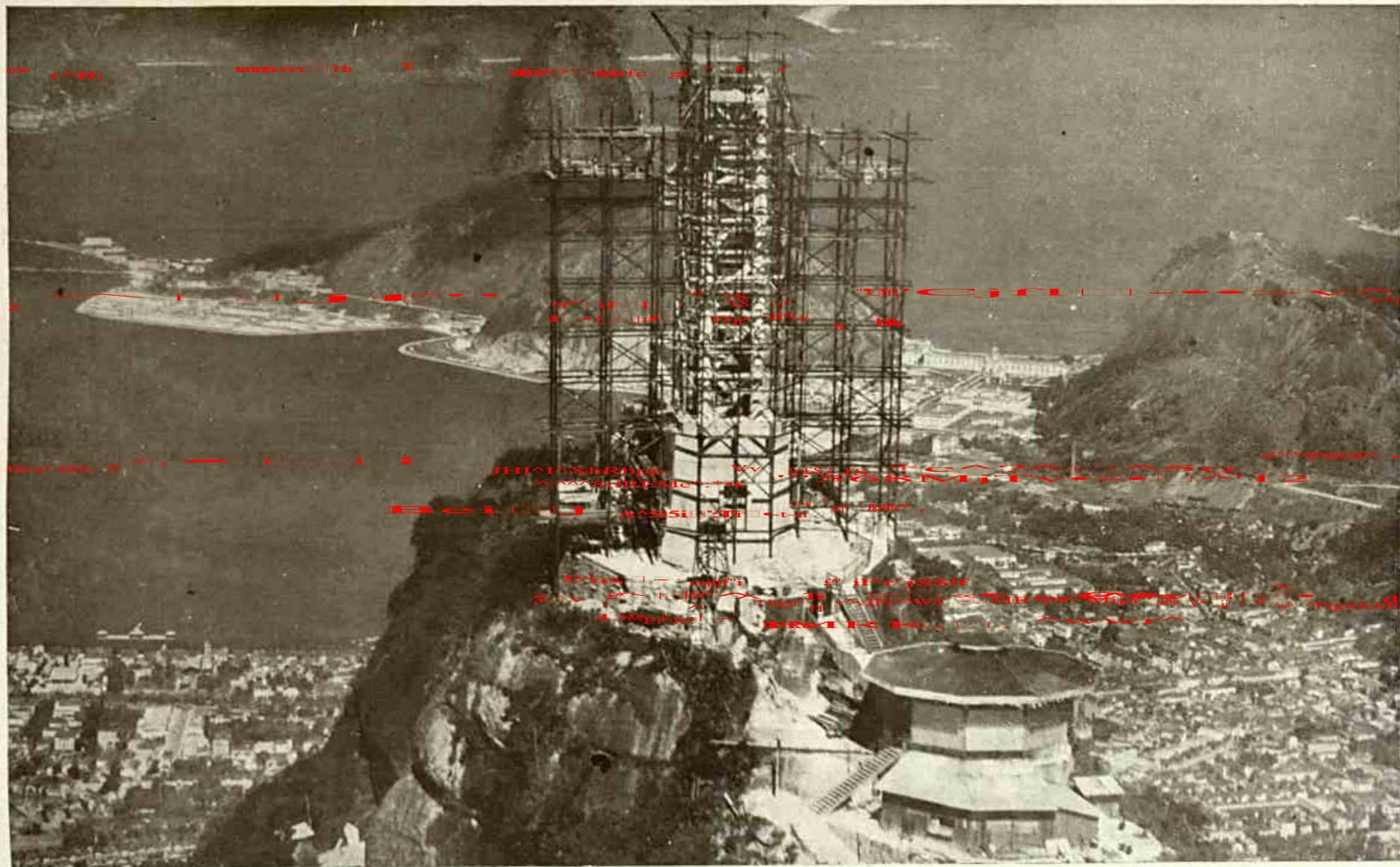
CHRISTO REDEMPTOR DO CORCOVADO

O avô de minha avó
morreu tambem corcovado,
carregando um Christo de massaranduba,
que protegia os passos vagarosos da familia.

Arranjei velocidade.
Virei um homem de cimento armado.

Adoro a esse Christo tourite,
de braços abertos, que procura equilibrio
na montanha brasileira.

Os homens de Fé têm esperança n'Elle,
porque Elle é ligeiro, porque Elle é ubiquo,
Elle é immutavel.

Elle acompanha o homem de cimento armado
através de todas as substancias,
através de todas as perspectivas,
através de todas as distancias...

JORGE DE LIMA

A photographia desta pagina fixa o Corcovado visto do alto, de bordo de um avião, e offerece a magestosa perspectiva que se descortina do cimo da montanha onde o Christo Redemptor abre os seus braços misericordiosos para abençoar e proteger o povo brasileiro. Em cima, o grande monumento brasileiro cercado ainda pelos andaimes que auxiliaram a sua construcção. Em baixo, a cidade maravilhosa, beijada pelo mar e recortada pelos morros altaneiros. Botafogo, Praia Vermelha, Urca... O Pão de Assucar... E o Corcovado dominando tudo...

O perfil da estatua do Corcovado, visto num pôr de sol carioca. Christo Redemptor olha, compassivo, a cidade que o adora, e sobre cuja inquietação derrama os effluvios da sua divina protecção...

A LENDA DAS ROSAS BRANCAS

JANDIRA entrára do jardim. Nos braços lindos trazia uma braçada de rosas brancas. Ella tambem, como uma rosa nivea de Jericó, exclamou, offegante, atirando-se a uma cadeira de vime, no terraço do seu elegante palacete:

— São para o Christo Redemptor.

— Bello presente — disse eu. — A proposito, as suas rosas me recordam a lenda de fundo mystico, mais delicada, que já ouvi, sobre essas lindas filhas de Flora...

— Ah! conte! Gosto tanto de lendas! — pediu ella, pondo as rosas numa jardineira que a creada trouxera. — E' sobre as rosas que choravam?

— Não. Sobre as rosas que nasceram das lagrimas santas.

De novo, ella gorgeou:

— Conte, conte! Ha de ser linda!...

E eu contei:

— Herodes, como sabe, era um sujeito epileptico. Um indumeu barbaro e execrando. Medroso, supersticioso, cheio de inveja e ambição, um bello dia, soube, pelos magos, que havia nascido um rei da Judéa. Como os astrologos não lhe tivessem indicado o logar onde nascera o Messias, ordenou que todas as creanças de Belém fossem trucidadas.

Jandira estremeceu:

— Que horror!

— Que banditismo! — disse eu.

E ella, curiosa:

— Prosiga!

— Nossa Senhora, a Mãe do Messias, tremeu pelo destino delle.

— Coitadinho do Menino Jesus! Tão bonitinho que elle é!

— A Virgem resolveu fugir com o seu *bambino*. O Egypto foi a terra escolhida por Maria para o seu refugio. Então, mal a noite desceu, e as casas de Belém mergulharam na sombra, começou a jornada difficil, pelos caminhos asperos, em busca da terra hospitaleira que havia de abrigar a Sagrada Familia.

Jandira fixava-me os seus bellos olhos pequenos e luminosos. Mexeu-se, impaciente, na cadeira de vime:

— E depois?

— Aqui fala S. Matheus: "Partidos que elles foram, eis que appareceu um anjo do Senhor, em sonhos, a José, e lhe disse: "Levanta-te e toma o menino, e sua mãe, e foge para o Egypto, e fica-te lá até que eu te avise. Porque Herodes tem de buscar o menino para o matar. José, levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egypto". Essa caminhada que, aliás, estamos fartos de vêr nos filmes da paixão e morte de Nosso S. Jesus Christo, e nas trichromias das Historias Sagradas, foi uma coisa penosa. Muitas vezes, José e Maria se desalentaram, amargurados pelo soffrimento. Haviam peregrinado longas horas, através as areias deserticas e os pedregulhos das estradas áridas, quando, afinal chegaram a um campo florido. Maria sentou-se sobre uma pedra e, não se sabe si de angustia ou de alegria por vêr livre da ferocidade de Herodes aquelle que, mais tarde, havia de curar os leprosos, illuminar os cégos e resuscitar os mortos, — Maria, a Virgem Mãe, chorou copiosamente. Então, á medida que as suas lagrimas iam cahindo sobre a relva fertilizada pelo Nilo, as rosas iam brotando, perfumadas e brancas como a pureza daquella alma lirial.

Jandira exclamou, commovida:

— E' linda!

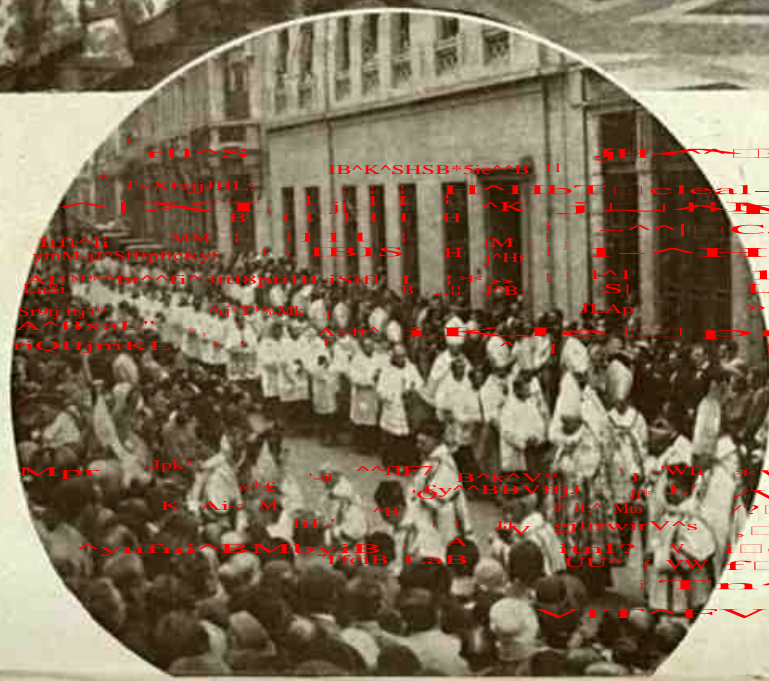
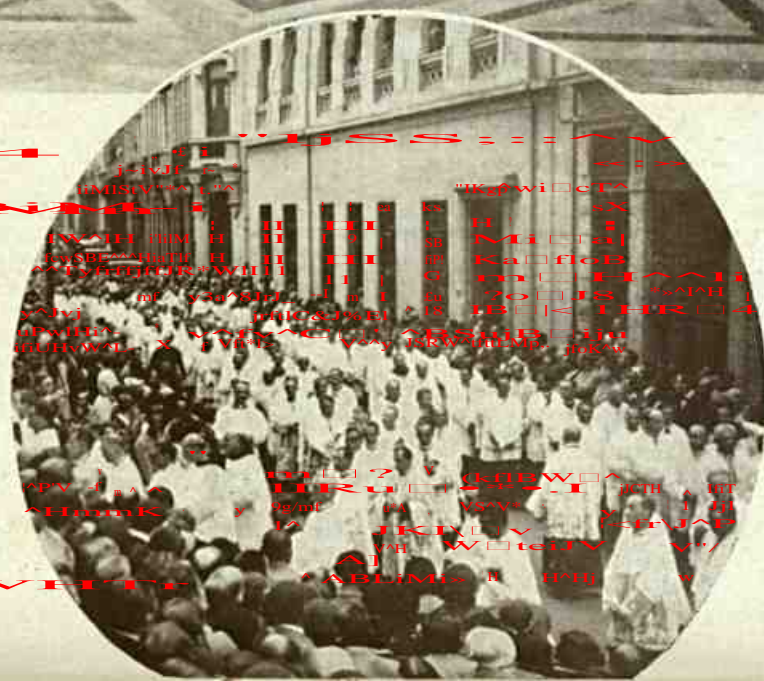
E eu ajuntei:

— E' delicada!

YVES

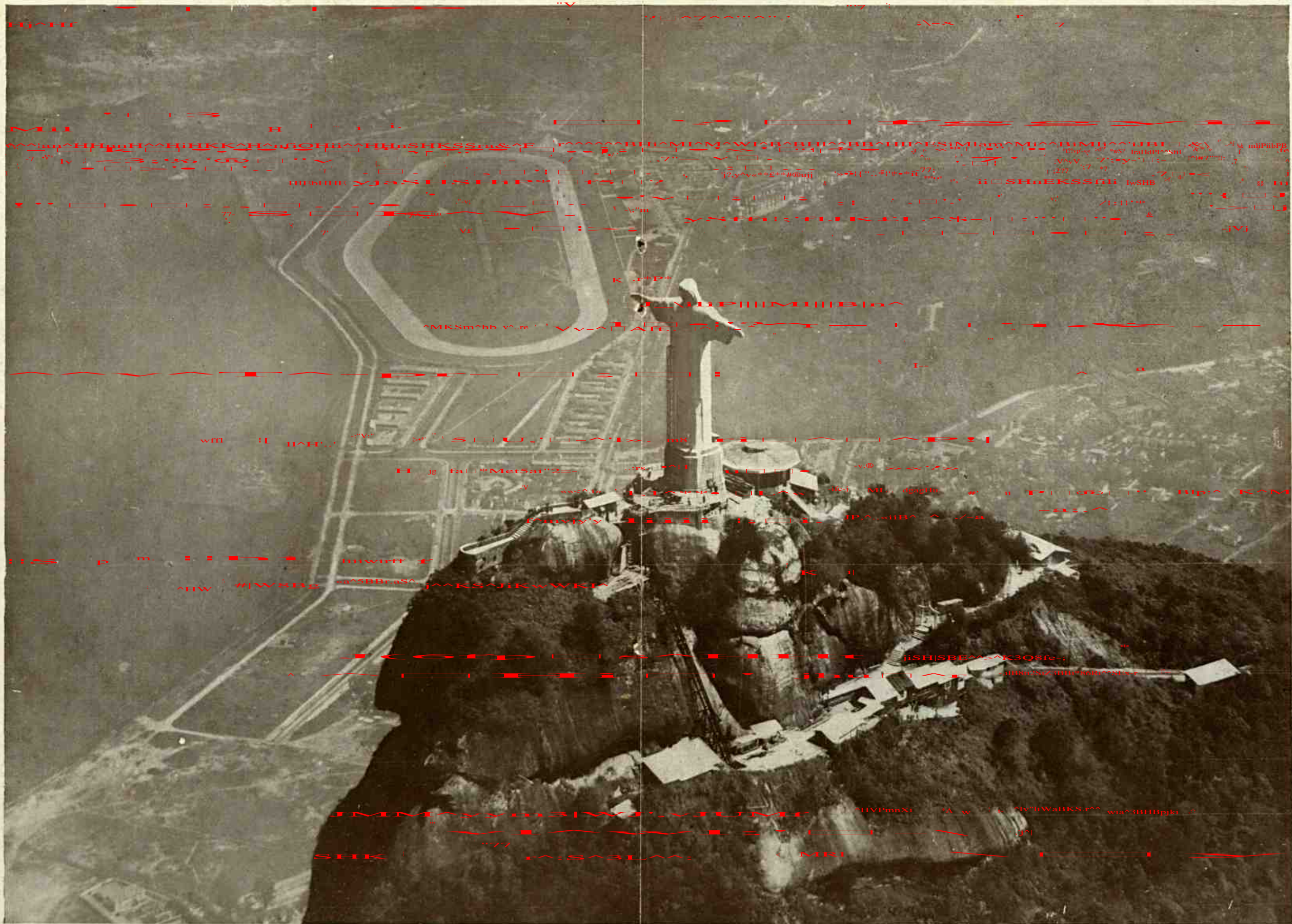
Os peregrinos dos Estados, que vieram assistir aos festejos commemorativos da inauguração do monumento de Christo Redemptor do Corcovado, por occasião de sua visita a sua eminencia o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Sebastião Leme, que os recebeu e abençoou no palacio São Joaquim.

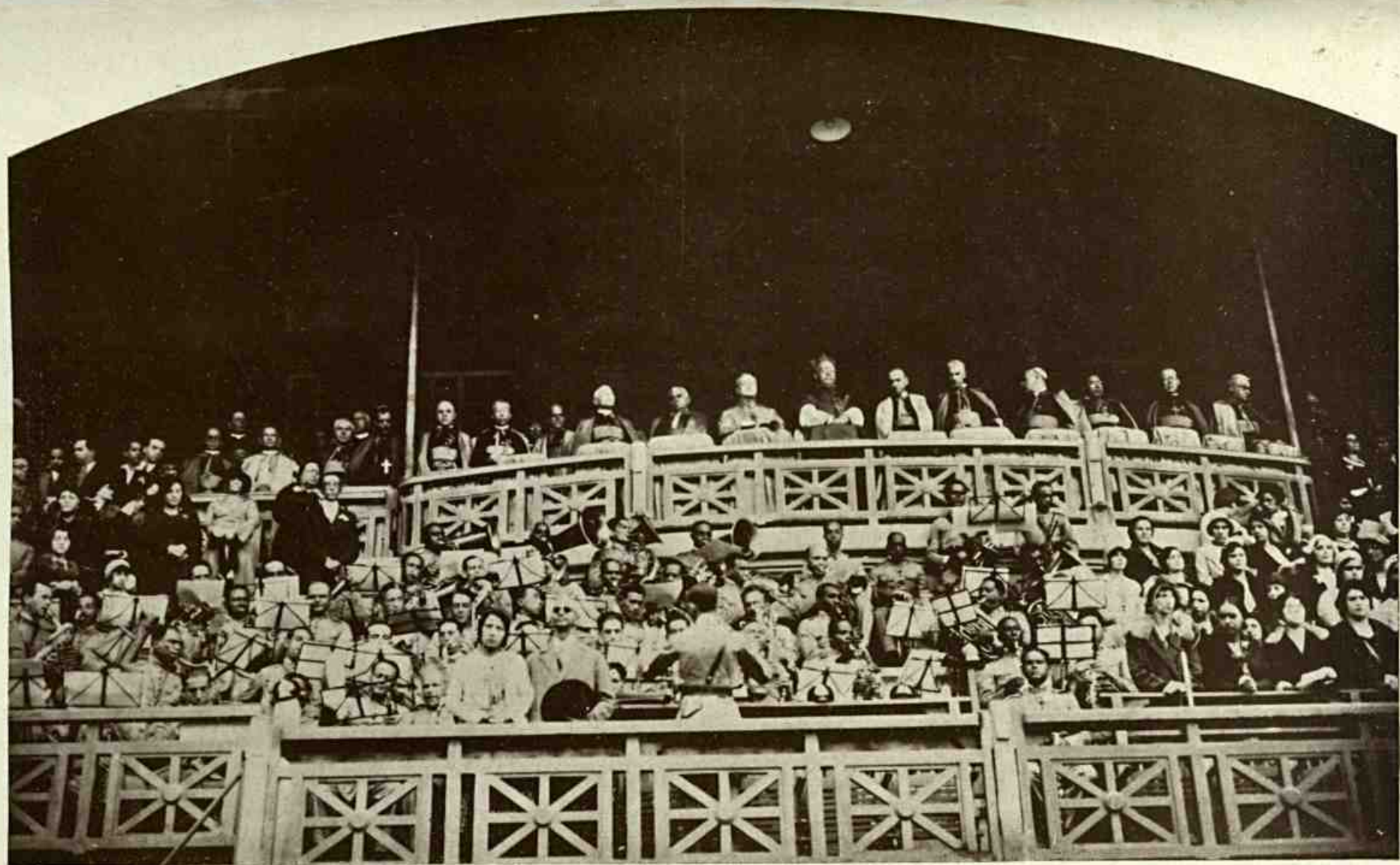
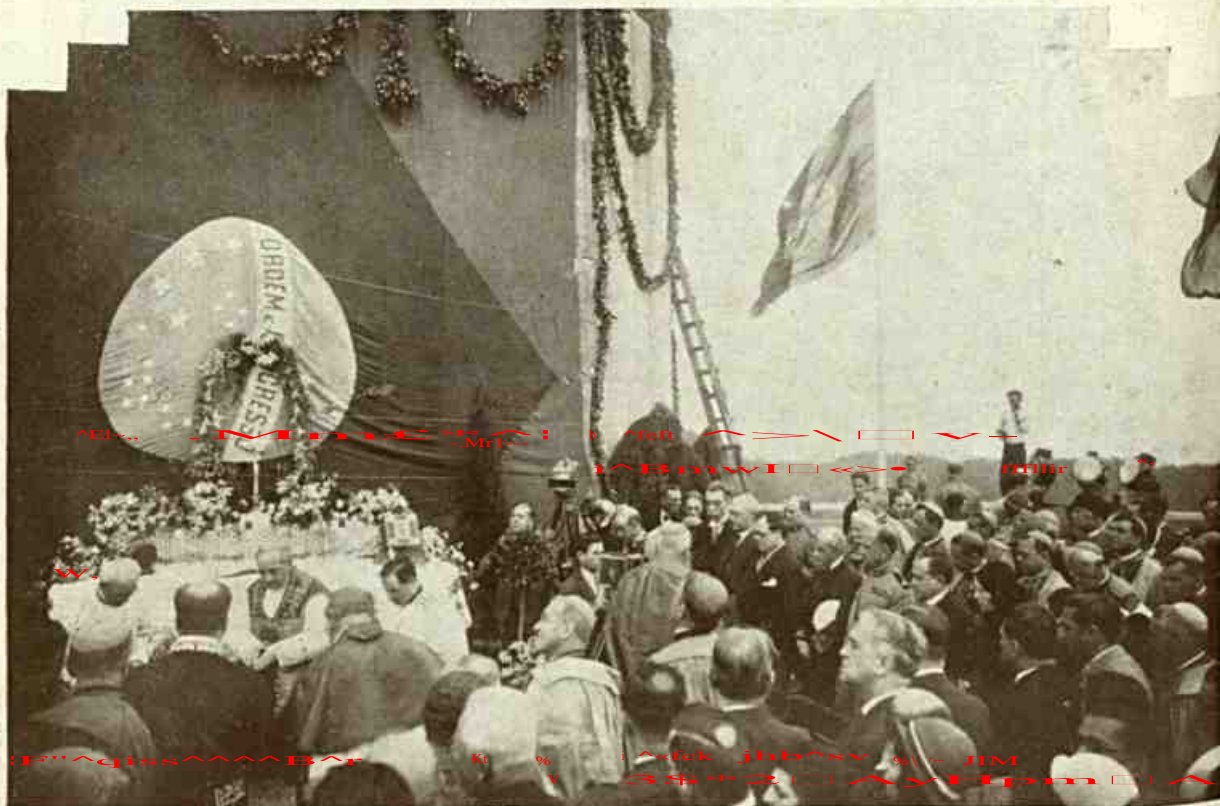
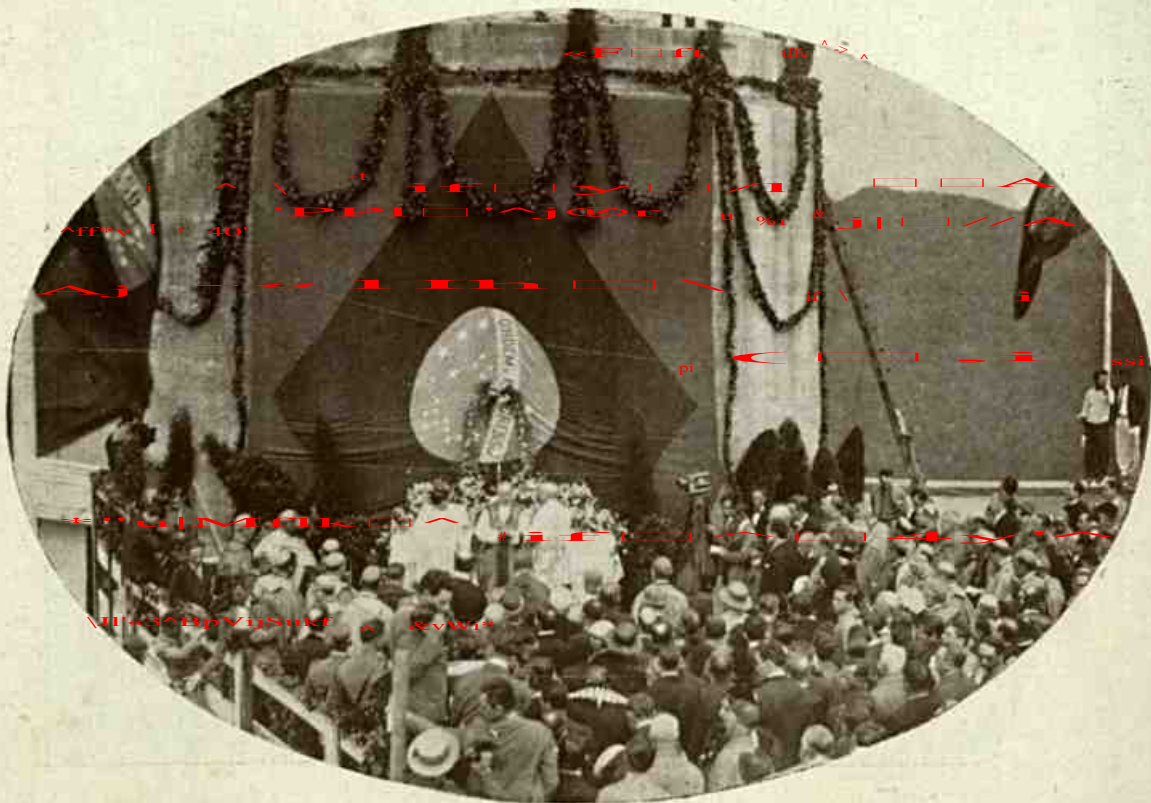
No palacio do Cattete, sexta-feira penultima, á tarde, o chefe do governo provisorio recebeu, em audiencia especial, os peregrinos do Rio Grande do Sul, Alagôas e Bahia, que foram levar cumprimentos ao dr. Getulio Vargas, tendo sido apresentados a s. ex. pelo arcebispo de Porto Alegre, d. João Becker, director espiritual da caravana gaúcha.

Revestiu-se de grande imponencia a solemne missa pontifical de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, Legado de Sua Santidade Pio XI ás festas inauguraes do monumento de Christo Redemptor, celebrou na igreja da Candelaria, sabbado ultimo, pela manhã, com a assistencia do nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, do episcopado brasileiro e do clero regular e secular actualmente nesta capital, representado por mais de seiscentos sacerdotes. Antes do officio religioso, um cortejo processional, formado pelo episcopado e pelo clero, sahindo daquelle templo, contornou-o, desfilando, em seguida, pelas ruas da Quitanda, S. Pedro e Candelaria, sob o dobre festivo dos cinos. Essa grande cerimonia deu inicio ás festas inauguraes do monumento do Corcovado e teve toda a magestosa belleza do ritual catholico.

Sua eminencia o cardeal-legado d. Sebastião Leme e o núncio apostolico, na igreja da Candelaria, por occasião da pontifical de sabbado ultimo, ladeados pelos prelados brasileiros que assistiram áquelle imponente acto religioso. Nos medalhões, dois flagrantes do cortejo do episcopado e do clero que precedeu a missa, quando desfilava pelas immediações do templo, da rua da Candelaria.

A tribuna destinada ao episcopado, na missa pontifical da matriz da Candelaria, vendo-se, entre os altos dignitarios da Igreja ahi presentes, o nuncio apostolico, d. Aloisi Masella.

A nave central da igreja da Candelaria photographada sabbado pela manhã, durante a solenne missa pontifical que alli se celebrou por motivo da inauguração do monumento de Christo Redemptor. A sumptuosa e rica ornamentação que, para esse fim, recebeu o templo catholico da nossa capital augmentou a belleza deslumbrante do seu aspecto interior.

HORA SANTA PELO BRASIL

Uma das cerimonias mais tocantes do programma da Semana Nacional do Christo Redemptor foi a Hora Santa pelo Brasil, que se realizou domingo á tarde, na matriz de Santa Anna, e que teve grande esplendor religioso, attrahindo áquelle templo consideravel multidão de fieis. Officiou no acto sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, na qualidade de Legado Pontificial, com a mesma autoridade e as mesmas prerogativas do chefe da christandade, Sua Santidade o papa Pio XI, que representou nas festas inauguraes do monumento de Christo Redemptor. Compareceu todo o episcopado e os representantes do clero. O grande orador sacro d. Benedicto de Souza, bispo do Espirito Santo, produziu um bellissimo sermão durante a Hora Santa em que se invocou, na igreja de Santa Anna, a protecção divina para o nosso paiz.

Para se dizer do Christo Redemptor, é mister um pouco de imaginação, de fantasia mystica. Pensemos, numa «rêverie»: deante da magestade do quadro, que se nos desenrola aos olhos, a doçura de um pôr-de-sol, de um crepusculo tranquillo, feito de violetas e que, lentamente, se esbate num ouro-rosa, e depois, num ouro-cinza, e, por fim, num azul «gris-perle», suave, doce, manso como a sombra de um sonho... Sobre o mar immenso, que, lá longe, é apenas um verde unido e compacto, franjado de espumas, ao longo das praias sinuosas, descem os crêpes da noite, como melancolias que se descosessem e tombassem da alma imponderável das coisas. No azul vago das distancias, o horizonte. E, do fundo do valle, sombrio, de éco em éco, a voz de um sino ingênuo, rezando na torre de uma igreja. Agora, é tudo sombra e silencio. Destaca-se o verde do Corcovado. E, no mysterio da hora, cheia de interrogações e poesia, a magnitude daquelles braços divinos, os braços do Redemptor, abençoando a cidade galante que se ajoelha a seus pés, recitando, contricta: «Mea culpa»...

O programma das solennidades commemorativas da inauguração do monumento de Christo Redemptor assignalava a realização de duas missas campaes: a primeira, no Campo de S. Christovão, domingo passado, e a segunda, no stadio do Fluminense, segunda-feira ultima. O máo tempo impediu, porém, que se realizasse a missa de domingo, que seria um espectaculo de edificante significação religiosa, por isso que tambem estava marcada para a mesma occasião a communhão geral dos homens, distribuida simultaneamente por sessenta sacerdotes. Apesar da manhã chuvosa de segunda-feira, a missa campal do stadio do Fluminense teve grande concorrencia, revestindo-se do mais alto e do mais imponente esplendor. Celebrou o officio divino s. ex. revma. d. Helvecio Gomes de Oliveira, arcebispo de Marianna. Ao Evangelho, falou o illustre monge benedictino e apreciado escriptor, d. Placido de Oliveira, que proferiu notavel oração, em que realçou as virtudes religiosas do povo brasileiro, desenvolvendo empolgantes imagens acerca do grande acontecimento catholico, de repercussão mundial, que era a inauguração da imagem de Christo Redemptor no Corcovado. Terminado o bello sermão de d. Placido, sua eminencia o cardeal-legado d. Sebastião Leme, que representava a pessôa do chefe da Igreja, lançou a benção papal sobre os milhares de crentes ali reunidos. A nossa pagina focaliza dois aspectos da magestosa cerimonia religiosa do stadio do Fluminense.

As altas autoridades ecclesiasticas assistindo, da tribuna de honra, á missa campal celebrada segunda-feira, no stadio do Fluminense. Ao centro, sua eminencia o cardeal-legado, d. Sebastião Leme, ladeado pelo núncio apostolico e pelo arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, d. Augusto Alvaro da Silva.

Ao pé do monumento de Christo Redemptor, no alto do Corcovado, s. ex. o núncio apostolico, d. Aloisi Masella, celebrou, acolytado por monsenhores Luiz Gonzaga do Carmo e Francisco de Assis Caruso, a missa que consagrou a grande estatua da fé brasileira. O santo sacrificio realizou-se durante a cerimonia da inauguração e foi assistido por d. Sebastião Leme, pelos bispos presentes, chefe do governo provisorio, sr. Getulio Vargas, altas autoridades e demais pessoas gradas que no momento se encontravam no cimo da nossa montanha. D. Benedicto de Souza, bispo do Espirito Santo, á elevação da Hóstia, repetiu tres vezes, acompanhado por todos os presentes, esta prece commovedora: «Senhor, salvae o Brasil!» Em seguida, teve inicio o acto da consagração presidido por sua eminencia o cardeal-legado, que, ajoelhando-se ao lado do Evangelho, pronunciou o formulario do ritual. Assomou, então, á tribuna sagrada, s. ex. revma. d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, que emocionou a fina assistencia com as bellas palavras da sua oração official e com os arroubos da sua eloquencia sagrada. Publicamos nesta pagina dois flagrantes colhidos por occasião da primeira missa que se celebra junto ao monumento do Corcovado.

A alma catholica do Brasil está de parabens, desde o dia 12 de outubro, quando se inaugurou, officialmente, a estatua do Christo Redemptor, no alto do Corcovado. Apesar da chuva insistente, que ensopava a cidade, o acto de grande fé christã do nosso povo se revestiu de inexprimivel belleza. Constou elle da benção por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, que aspergiu o monumento com um ramo de rosas, orvalhado de agua benta, pronunciando as palavras sacramentaes: «Christo vence! Christo reina! Christo impera! Christo livrará o Brasil de todos os males». Essa commovente e grandiosa cerimonia foi assistida por todo o clero, pelo chefe do governo provisorio, ministros de Estado, corpo diplomatico e altas autoridades civis e militares e pessôas gradas. A nossa pagina focaliza instantaneos da empolgante solennidade.

A CONSAGRAÇÃO

Foram as seguintes as palavras com que d. Sebastião Leme, em nome do Santo Padre, consagrou o Brasil ao Sagrado Coração de Jesus, na cerimonia de segunda-feira, no Corcovado:

"Senhor Jesus, Redemptor nosso, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que sois para o mundo a única fonte de luz, de paz, de progresso e de felicidade; ó Salvador que nos remistes com o sacrificio da vossa vida, eis a vossos pés representando o Brasil, a Terra de Santa Cruz, que se consagra solennemente a vosso coração sacratissimo e Vos reconhece para sempre por seu único Rei e Senhor.

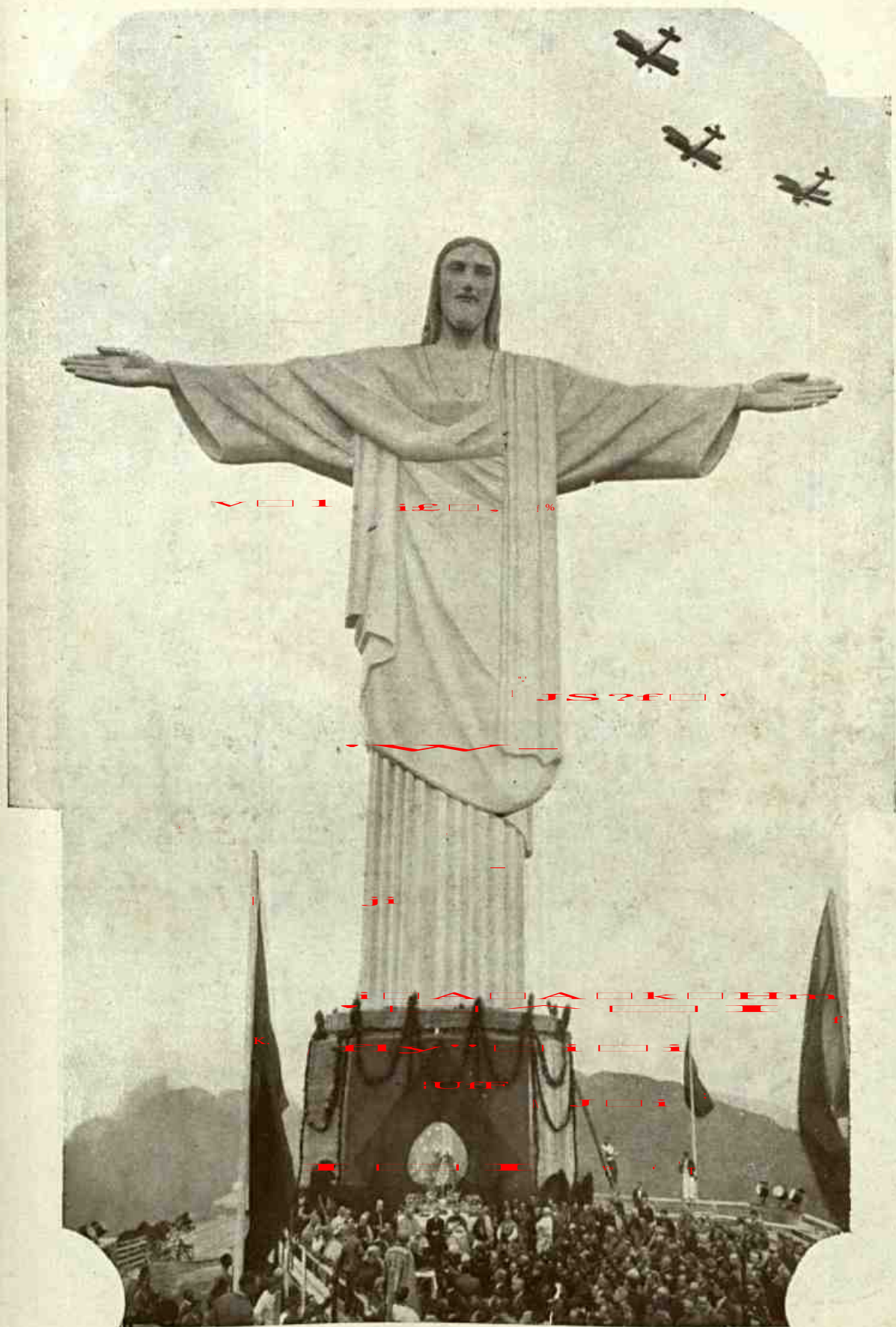
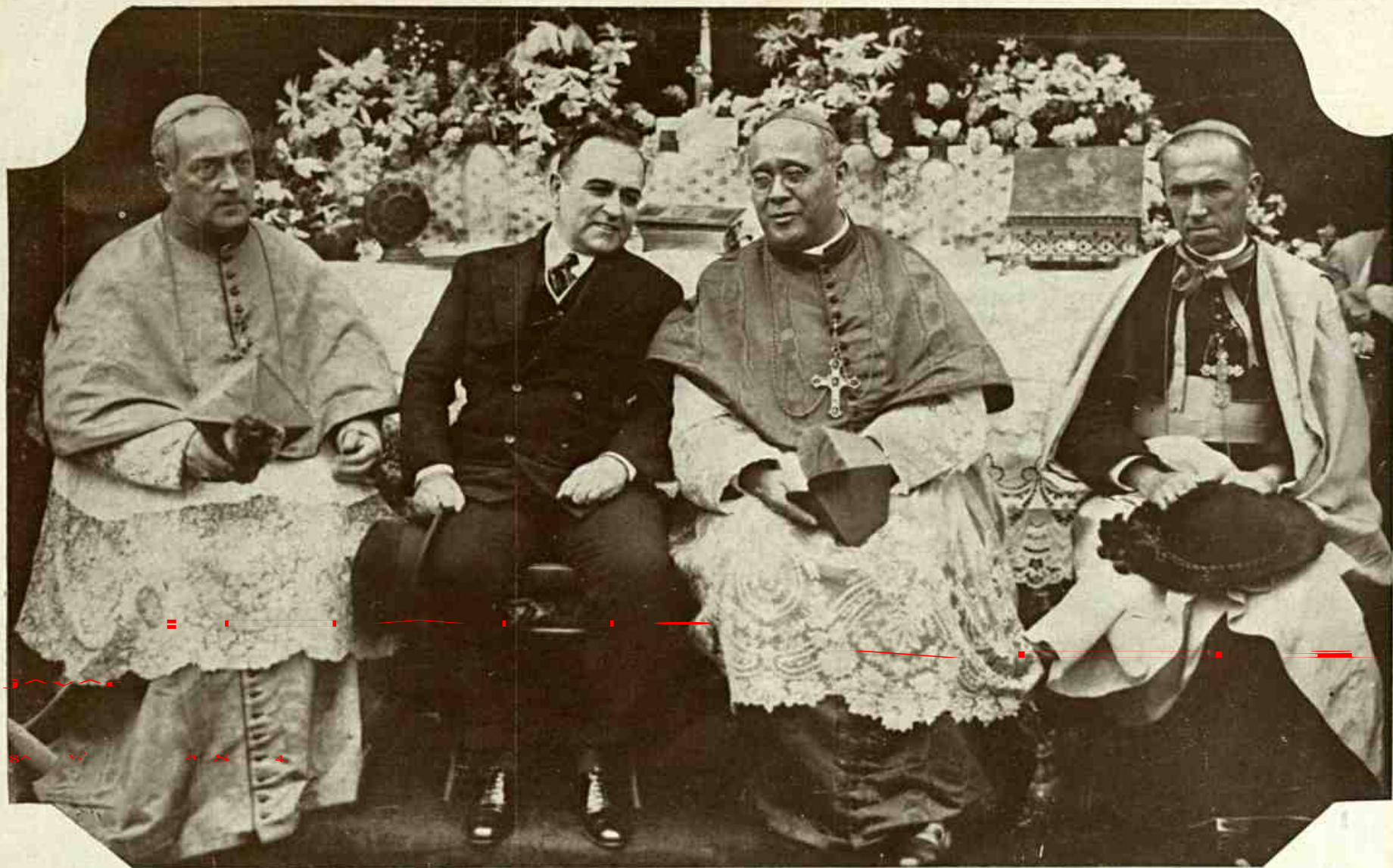
Vós, que esculpistes no céo brasileiro a vossa Cruz, de onde jamais poderá ser apagada, acceitae, e abençoae esta imagem que será entre nós o symbolo da vossa Fé, que reina em nosso espirito, do vosso amor, que reina em nossos corações.

Oh, reinae, Senhor Jesus, reinae sobre a nossa Pátria! Queremos que o Brasil viva e prospere sob vossos olhares; queremos que o nosso povo seja sempre illuminado pela verdade do vosso Evangelho.

Reinae, ó Christo-Rei, reinae, ó Christo Redemptor!

Ser brasileiro, seja crer em Jesus Christo, amar a Jesus Christo!...

E esta sagrada imagem seja o symbolo do vosso dominio, do vosso amparo, da vossa predilecção, da vossa benção que paira sobre o Brasil e sobre os brasileiros como penhor de que, tendo sido vossos na terra, vossos serão eternamente no Céo. — Amen."

Dois detalhes expressivos da solennidade inaugural do monumento de Christo Redemptor. O chefe do governo provisorio e senhora Getulio Vargas em companhia do cardeal d. Sebastião Leme e do núncio apostolico e do doutor Joaquim Moreira da Fonseca, no alto do Corcovado. Chegada alli das altas autoridades.

Não faltou á cerimonia da inauguração do monumento a Christo Redemptor a homenagem da quinta arma de guerra do nosso glorioso Exercito. Emquanto ao pé da magestosa estatua do Salvador se realizava a benção, apos a qual seria entregue ao culto do nosso povo a imagem de Jesus do Corcovado, no alto, numa prova de respeito e de fé religiosa, os nossos aviadores militares voavam no azul do céo carioca, abençoado por Nosso Senhor Jesus Christo. E' um flagrante expressivo desse vôo que estampamos em nossa pagina.

Sua eminencia o cardeal-legado d. Sebastião Leme ao lado do chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e em companhia do nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, e do arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, d. Augusto Alvaro da Silva, junto ao altar armado ao pé do monumento de Christo Redemptor, no Corcovado, durante as solennidades de segunda-feira pela manhã.

Arvore do Bem e do Mal

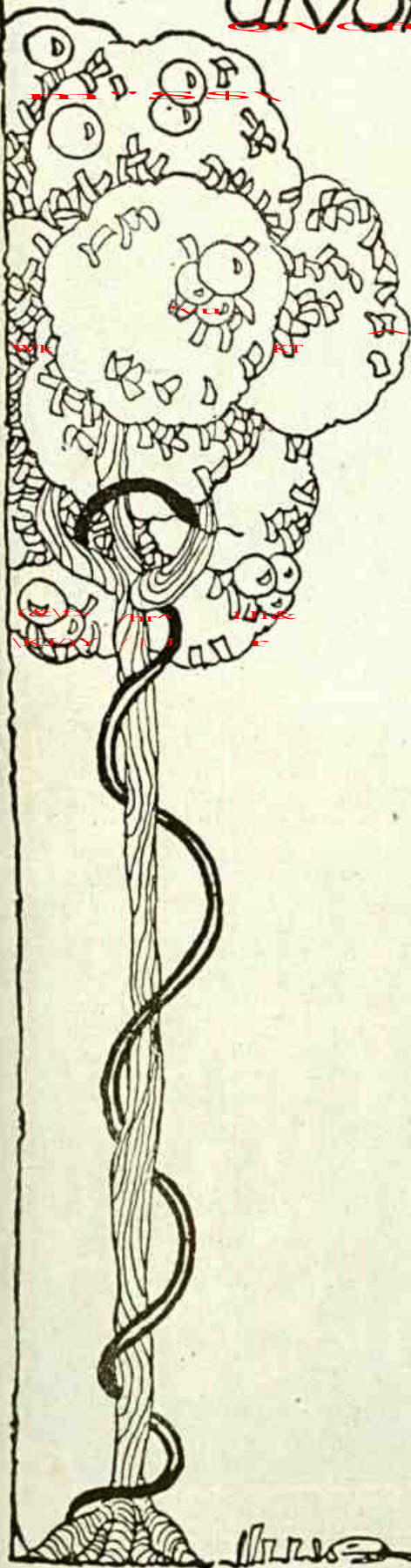
Claudio França

OS CENTAUROS

IXION unido a Nephelé — diz a mythologia — produziu o pai do povo ligeiro e feroz dos centauros. Por que tanto se agradou a mentalidade hellenica de povoar de monstros hybridos terras e aguas, fazendo sobre aquellas galoparem esses homens-cavallos e acima destas voarem as sereias ou mulheres-aves? As lendas dessas figuras symbolicas vinham de longe. Tinham nascido entre as tribus primitivas que deram origem á civilização vedica. Ixion, condemnado a rolar eternamente uma roda, imagem do sol, representa esse astro maravilhoso.

Dizem os mythographos que elle se apaixonara pela esposa de Zeus, Hera ou Juno. O senhor dos raios, para vingar-se, deu a uma nuvem a apparencia da deusa e o ardoroso amante se atirou contra ella. Tomou a nuvem por Juno, o que não impediu que de tal união surgisse o ente fabuloso Kentauros, cujo nome Adalberto Kuhn tentou assimilar ao Gandharva vedico e que Jacolliot fez mais propriamente sair do sanskrito Ken-tura, o homem-cavallo.

Mannhardt quer que Ixion seja a tromba, a ventania circular que gyra como uma roda movida pelos genios, os centauros, cuja velocidade e cujos gritos lembram o da tempestade desenfreada. E' a opinião de Dechaume, que o commenta: "Les centaures sont donc les démons redoutables de la tempête..."

Talvez por isso os centauros habitassem o cume do monte Pelion, de onde se despejavam ladeiras abaixo, em violento galope, sobre as planicies dos arredores. Na sua classificação dos mythos, Van Gennep não esqueceu o anthropomorphismo das forças e cousas da natureza. E, para elle tambem, esse povo galopante representa os ventos tempestuosos.

Os jornalistas argentinos, chilenos e uruguayos, que foram nossos hospedes durante alguns dias, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, por occasião de sua visita, quarta-feira penultima, áquella instituição, onde os receberam cordialmente o dr. Herbert Moses, presidente da casa, e vários outros collegas brasileiros.

FILIGRANAS

Caminho agreste e rudo que sobe a montanha verdejante. Entardece. E eu vou por elle, lentamente, carregado ao peso das recordações.

— Sim, foi aqui, murmura a minha alma. O primeiro beijo, a primeira esperança na primeira illusão... Naquella casa que se esconde no matto cantava um violino triste... Sim, foi aqui...

De novo, o som do violino veiu da casa solitaria. Escutei-o alguns instantes. Calou-se e, logo após, uma voz cantou uma bailada antiga.

Continuei a subir o caminho agreste e rudo e dos meu lábios brotavam os versos de Olegario Mariano:

«Quando a tarde do céo [rola branca e sonora,
o viandante que passa, ou- [vindo o canto, chora...»

E eu chorei...

A Associação Brasileira de Imprensa tambem foi visitada, na semana passada, pelos illustres architectos estrangeiros que se acham nesta capital, onde vieram participar do grande concurso internacional do Pharol de Colombo. No presente grupo, tomado na séde da rua do Passeio, vêem-se os nossos visitantes em companhia do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e do dr. Nestor de Figueiredo, presidente da Associação dos Artistas Brasileiros e do Instituto Central dos Architectos.

Primavera

MEU *amigo* — Na minha terra as glycinias estão de novo em flôr. As glycinias que você dizia amar tanto, porque ellas têm a côr dos sonhos que não se realizam...

E, um dia, talvez pensando em você, eu escrevi, numa pagina qualquer, que a côr linda e triste das glycinias era a côr da saudade. E' que nessa côr se reflectem as distancias que se não transpõem, as ansiedades que se não confessam.

E o florir das glycinias é a primeira saudação da primavera que ahi vem, coroada de rosas e com o regaço cheio de flores e de borboletas.

Não tardam tambem as andorinhas e aquella grande bola de ouro que os anjos fazem rolar no tapete azul do firmamento, emquanto não se abrem aquelles milhares de janellinhas brancas, por onde elles tiram linha com todos os poetas do mundo...

A primavera ahi vem, apesar das vidraças embaciadas pelo hálito frio da garôa, que, lá fóra, canta em surdina a sua velha cantilena de tédio e de amargura.

A primavera vae chegar, apesar de você estar tão longe de mim, na distancia azul-violeta, dessa côr indecifravel que tinham uns olhos que você esqueceu...

A primavera ahi vem, meu amigo!

Mas a ironia da garôa, tombando sobre as glycinias em flor, é, para mim, quasi um symbolo...

Estão deante das portas da cidade, victoriosos, os batalhões do rei sol; ainda uma semana ou duas, e os gramados nos jardins acordarão para a sua vida verde, entre as canções das cigarras e os perfymes dos jasmineiros, que os cobrirão de estrellas côr de neve...

As manhãs serão radiosas de luz e as ruas vão ter um encanto novo, quando sapatinhos brancos e vestidos leves começarem a transitar por ellas, num alvoroço de alegria e de esperança.

A primavera é linda em toda parte, meu amigo, porque a acompanham as flores e os passaros; aquellas, com os seus perfumes, estes, com as suas cantigas...

A primavera ahi vem. Vejo-a numa rosa que desabrocha, numa nesga do céo azul, no cheiro sylvestre que vem da matta, na hora do sol pôr...

A primavera ahi vem, meu amigo, mas eu a vejo através de duas lagrimas grandes, que bailam nos meus olhos... Nessas duas lagrimas se mira a distancia, a distancia côr das glycinias, que ha entre o meu coração e a primavera... Uma distancia tão grande e intransponivel como essa outra que me separa de você e que poz nos meus olhos essa côr desencantada que ninguém sabe definir...

Quando a primavera chegar e no seu caminho desabrocharem as rosas da vida e do amor, lindas e rubras, a distancia entre nós ainda será maior — a distancia que tem a côr das glycinias da minha terra...

Setembro.

COLOMBINA.

JARDIM ABERTO · D. JAYME

O CARNAHUBAL DO COCÓ

EGYPTO?... Mesopotamia?...

As duas interrogações cáem dos labios á primeira vez que os olhos vêm a varzea do Cocó, entre Fortaleza e Mecejana, no Ceará. A terra é escura e humida, cortada de veios de agua que se perdem nos varios braços do rio. E as carnahubeiras esbeltas e tristes, com a sua gemente fronde arredondada, perfilam-se no ar macio e fresco; inclinam-se nas barrancas lamacentas ou se agrupam em touceiras artisticas. Aqui, alli, mancha a verdura dos pequenos capões de matto o vulto pardusco das choupanas dos cabôclos. E uma passarada alegre, canóra, saltitante povôa de côres, de pipilos, de assobios, de gorgeios, de asas suflantes e de movimento o carnahubal immenso: rolinhas, bicudos, currupiões, gollos-de-campinas, xorós-xorós, salta-caminhos, sanhassús, vemvens, bemtevis.

A gloria do sol matutino banha em ouro a varzea magnifica. A púrpura do occaso violeta, os troncos das carnahubeiras e o vento da tarde plange saudoso nos seus leques verdes. Depois, a lua faz de cada caule uma columna de prata, de cada fronde um pennacho branco, do chão enxarcado um tapiz de pedrarias e das aguas quietas espelhos venezianos.

Paizagem typica do Ceará: a ponte do Cocó.

Tantas vezes, tantas! eu te vi, da infancia á adolescencia, vasto e poetico carnahubal do Cocó, que moras na minha saudade doirado pelo sol matutino, desmaiado na púrpura do poente ou ensopado na magia branca do luar, mais bello que os palmeiraes do Euphrates, mais dolente e mais lindo que os tamareiraes do Nilo.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

"O TENENTE SEDUCTOR"

Da Paramount — Com: Maurice Chevalier, Miriam Hopkins e Claudette Colbert

QUAL é a moça que não gosta de um garboso militar quando é joven, elegante, alegre e sympathico? Ora, o tenente Niki, do exercito austriaco, tinha todas as qualidades e mais uma, que tambem não era para desprezar: quando se apaixonava não era volúvel e amava deveras.

Foi numa clara manhã de sol que Niki, ao despertar, sentiu seu coração palpitar mais aceleradamente do que de costume. Que iria acontecer?... pensou elle. Mas ao ouvir o gorgeio dos rouxinoes num ninho feito num galho de uma velha nogueira que ainda dava saborosas nozes, não pensou senão em vestir-se apressadamente para ir cumprir com seus deveres de bom militar.

Ao abrir a porta, porém, enrugou a testa. No soalho estava uma conta do alfaiate, que elle devia ha muitos mezes e que ainda não conseguira pagar. Fixou os olhos na factura e, com surpresa, leu o seguinte:

"Quem não paga ao alfaiate no estio
No inverno se regela de frio."

Em vez de zangar-se, Niki riu-se ao ler a advertencia do poetico alfaiate, e ainda sorria quando se lhe deparou o seu amigo Max, que lhe disse:

— Niki, esta vida é um tormento, e você tem que me ajudar...

— Quanto queres, amigo Max?

— Não é isso, replicou Max. Eu não preciso de dinheiro. A coisa é outra. Você sabe, Niki, que eu sou um homem casado...

— Então, Max, separa-te por divorcio!

— Tambem não é isso! Não me comprehendas mal! Eu gosto de minha esposa! Ella é bonita e distincta!

— Max, agora comprehendo e, para evitar mal entendidos, vamos direito ao fim. Tu gostas de outra mulher... e não sabes como proceder...

— Sim, Niki, é isso mesmo... ella é tão bonita! E que bello corpo! E que dedos! Toca violino e é a regente de uma orchestra de moças... mas eu sou casado e você, Niki, vae ajudar-me...

— Max, tens receio que alguem te veja só com ella?

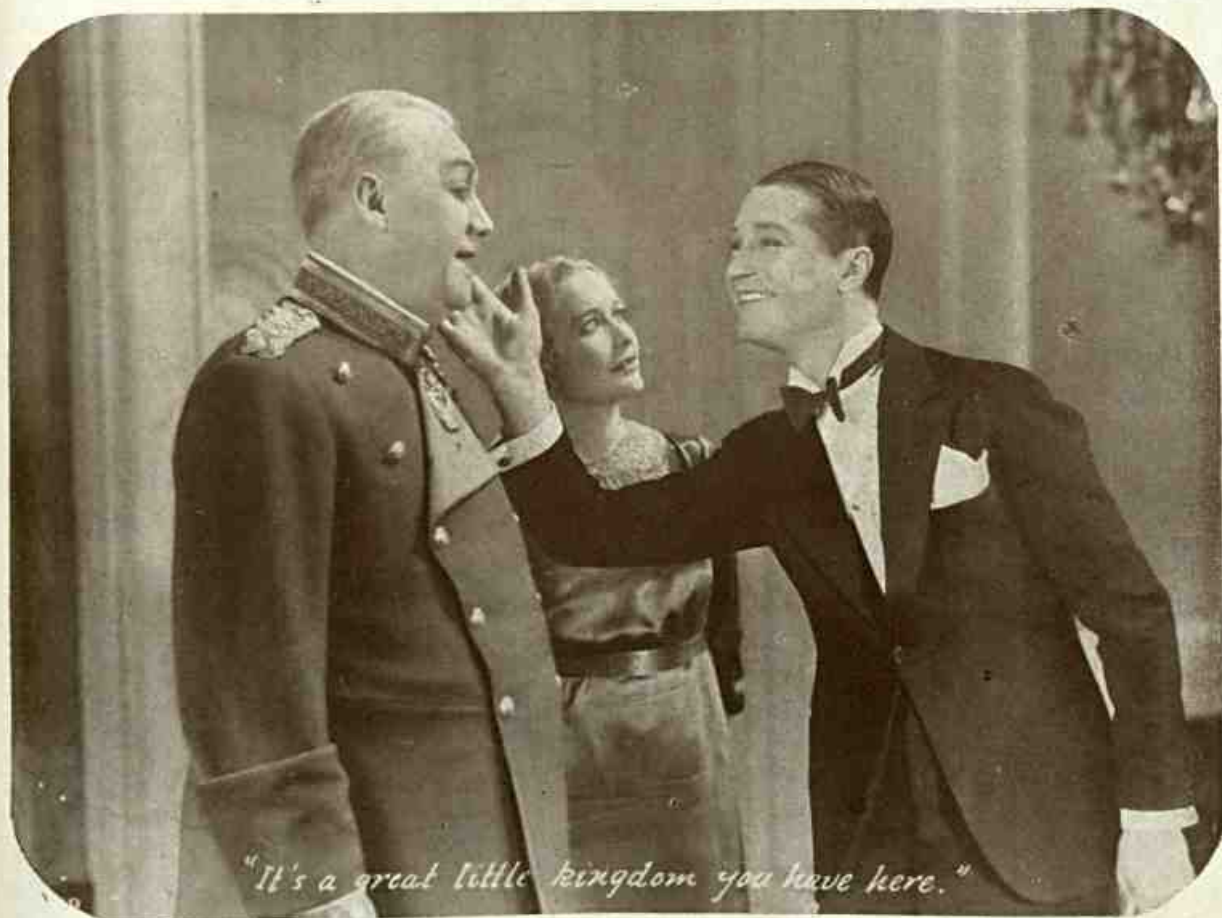
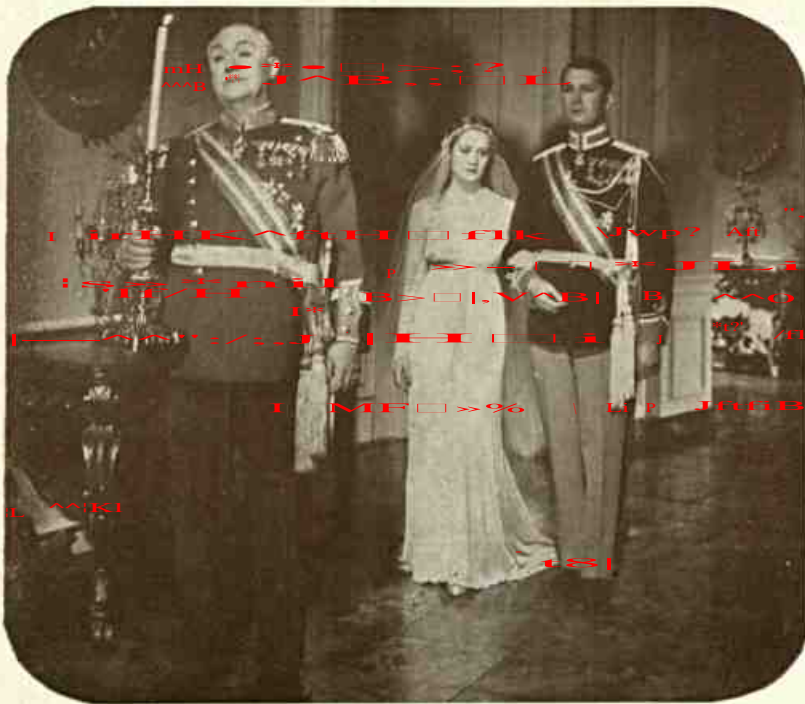
— Sim, Niki, adivinhaste!

— Mas eu não quero servir de pau de cabelleira!

— Niki, eu só quero que depois da ceia tu me deixes só com ella! Tu gostas mais de musica do que eu! Vamos para o Restaurante ao Ar Livre, onde ella dirige a orchestra com mão firme e violino afinado! A "matinée" principia cedo.

* * *

No Restaurante ao Ar Livre.

— Lá está ella! — exclamou Max, ao sentar-se na mesa, e ordenando ao criado para trazer dois seidels de cerveja.

«Nós vamos ser camaradas».

A hora grave.

— Parece-se com tua mulher!... exclamou Niki.

— Você deve estar soffrendo da vista!

— Parece-se com tua mulher quando era joven... e se tua mulher não tivesse engordado demais... seria o retrato vivo dessa violinista.

Ouvindo bôa musica e tomando seideis de optima cervája, o tempo passa depressa. A formosa violinista, ao ver que o tenente não tirava os olhos della, retribuiu-lhe a attenção, fitando-o com doces olhares. Niki comprehendeu que conquistara mais um coração e estava radiante de alegria porque a violinista era deveras formosa.

Tanto Niki como Max estavam encantados com a bella rabequista, que, ao terminar a "matinée", metteu o violino na caixa. Quando ia sahindo do coreto, Max aproximou-se e disse-lhe:

— Formosa Franzl, eu desejo dizer-lhe que a senhora é radiantemente bella!

— Mas eu não o conheço, replicou a violinista.

— Por favor, interrompeu Niki, queira dizer-me o nome da valsa que tocou, sim?

Franzl sorriu e não só citou o nome da tal valsa como respondeu a todas as perguntas de Niki, que tratou de apressar os passos para se afastar totalmente de Max.

Foi assim que chegaram a casa de Niki, que amavelmente insistiu para que a violinista entrasse.

— Eu sei tocar piano, disse-lhe elle. Entre e tocaremos um dueto. Eu gosto muito de duetos de amor!

Franzl entrou e depois do dueto despediu-se.

— Desejo tornar a vel-a, supplicou Niki.

— Então convide-me para jantar amanhã com você.

— Ora, não me faça esperar vinte e quatro horas, querida Franzl! *Eu estou com fome!*

— Então poderemos tomar chá amanhã á tarde!

— Melhor seria tomar café de manhã cedo, suggeriu Niki.

— Não... primeiro o chá, depois o jantar, e depois o café pela manhã... talvez! O concerto nocturno termina á meia noite. Adeus.

* * *

Na manhã seguinte, Franzl e Niki tomaram café e elle cantarolava alegremente.

Um bom café matinal
Torna a vida mais jovial...

De repente, porém, Niki lembrou-se de que tinha que estar no quartel para apresentar armas ao rei Adolf XV e á sua filha, a princeza Anna, que chegavam nesse dia de Flausenthurm. Despediu-se de Franzl e foi para o quartel.

O trem em que viajava o rei Adolf já estava atravessando a ponte em direcção á estação, quando o seu ajudante de ordens lhe entregou um telegramma do imperador. O rei mordeu os beiços ao le-lo e depois leu-o em voz alta, a pedido da princeza:

"Sua magestade Adolf XV — Rei de Flausenthurm — Querido e illustre primo: No momento em que pisas solo austriaco mando-te minhas cordiaes saudações, extensivas sua alteza a princeza Anna. Inauguração exposição annual de gado impede-me recebel-o pessoalmente."

— Isto é incrivel! — exclamou o rei. — Olha para este enveloppe: Esta gente nem sabe soletrar

(Conclue noutra parte da revista).

Feminismo!...

Os seus olhos não a podiam ver mais.

A DAMA VIRTUOSA

NUMA noite de inverno, na pittoresca e alva Suecia... A casa do mais conhecido estalajadeiro da aldeia estava em alvoroço. Chegaria, naquella noite, para hospedar-se alli a celebre e querida Jenny Lind, a maior cantora da Suecia! Todos se alvoroçam, na ansia de proporcionar á grande cantora a melhor hospedagem possivel: elle, sua esposa, os criados, os amigos... Entretanto, falta o principal: um aposento! O melhor aposento da casa era occupado pelo compositor Paulo Brandt, que declarou ignorar a existencia de Jenny Lind e, por isso, não querer ceder o seu aposento...

Um film da Metro - Goldwyn - Mayer

representado por

GRACE MOORE

REGINALD DENNY

WALLACE BEERY

Gus Shi—Jobyna Howland—Gilbert Emery—Giovanni Martino

Os acontecimentos mudaram, entretanto, quando Jenny Lind chegou, sempre amavel, simples, encantadora. Apresentaram-na a Paul Brandt, e elle, audaz, declara só ceder o seu apartamento se Jenny Lind interpretar uma sua canção... Resistindo á simplicidade

Era o amor que os vencia.

que a caracterisava, ella declarou não ceder á imposição do pretencioso compositor. Afinal, cedeu, e interpretou a melhor canção de Paul Brandt.

Não tardou que um se sentisse attrahido pelo outro, embora fossem muito diversos os seus modos de pensar. Jenny Lind era conhecida como a mais virtuosa mulher da Suecia, e Paul Brandt tinha o habito de detestar todas as mulheres muito virtuosas... O amor, porém, coisinha mysteriosa que liga os temperamentos mais diversos, não deixou de fazer a sua obra, e em poucos dias, Jenny Lind e Paul Brandt estavam irremediavelmente apaixonados.

Jenny Lind queria dedicar-se inteiramente á sua arte. Quando Paul Brandt lhe falou em casamento, ella o desilludiu. Separaram-se, por isso.

Tempos depois, em Stockolmo, Jenny Lind devia cantar a "Norma". Theatro repleto. Uma extraordinaria espectativa em torno da sua estréa. Uma das creaturas mais interessadas na estréa é La Rosatti, até então a melhor interprete da opera de Bellini. La Rosatti visita Jenny Lind em seu camarim e não deixa de fazer sentir uma pontinha do seu despeito. Jenny Lind enfrenta o publico apparentemente calma, mas, sem saber explicar por que, ella sente que Paul Brandt não sae de sua memoria, naquella noite. E Paul Brandt está na platéa, sem que ella o saiba. Ella canta, magistralmente, a aria do segundo acto. Pedem "bis", freneticamente. Jenny Lind sente que não poderá resistir ao "bis", sente que não tem forças para tanto, mas o publico insiste e o empresario faz sentir a necessidade de attender ao pedido da platéa. Ella canta mais uma vez a aria, mas, num trecho mais forte, sua voz não resiste. Escandalo! O theatro em peso irrompe em fragorosa vaia. O publico, tão prompto para applaudir, para elevar o conceito de um artista, como para derrubal-o, ignorava que dava, com essa sua attitude, o maior desgosto da vida de Jenny Lind. Sob o peso da vergonha, da humilhação, porque La Rosatti logo se apresenta para terminar o espectaculo, Jenny Lind abandona, nessa mesma noite, o theatro de opera e se retira para a vivenda de um velho amigo.

Era a maior infelicidade: a voz desapparecia.

Sem o querer, é causa de um infortunio para Paul Brandt: indignado, ao ouvir palavras desrespeitosas a Jenny Lind, o compositor luta com um homem, nas galerias do theatro, e, em resultado, é ferido nos olhos.

Não tarda muito que elle se veja cego, e, o que para elle é mais, esquecido por Jenny Lind...

Tempos depois, Jenny Lind volta a ver Paul Brandt e, condoida da sua sorte, sente, então, que não o poderá abandonar. Mas ha um novo mal entendido e mais uma vez elles se separam.

Quando Jenny o abandona, julga que Paul Brandt se restabelecerá, mas, na verdade, elle estava irremediavelmente cego...

Um anno mais tarde, em Nova York, Jenny Lind é apresentada com extraordinario alarido pelo celebre e original empresario Barnum. Jenny recupera a voz e seu unico sonho, agora, é rever Paul Brandt, cujo paradeiro todos ignoravam. Entretanto, num café de baixa especie, num suburbio de Nova-York, em companhia de um compatriota, Paul Brandt ganhava o pão tocando piano e vendendo canções de sua autoria, inspiradas no seu amor por Jenny Lind.

Sem que Paul saiba, seu companheiro, sendo informado de que Jenny Lind é sueca, compatriota do compositor, leva á cantora uma canção de Paul Brandt, para que ella a compre. A principio, Jenny recusa-a, mas vê, depois, o nome de Paul Brandt e pede ao homem que a leve á presença do infeliz rapaz.

O resto é facil adivinhar: o resto é o capitulo mais feliz da vida de Jenny Lind, a grande cantora cuja memoria a Suécia ainda hoje venera...

Preparando-se para os applausos do palco.

NOTAS DE ARTE

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DO CURSO DE CANTO DA PROF. HELOYSA BLOEM MASTRANGIOLI — Com auditorio quasi duplo da lotação, encheu-se o Salão Pequeno, o Salão Henrique Oswaldo, do I. N. M., na tarde de venardia, sexta-feira, 9 de outubro, para assistir á audição de alumnas do curso de canto da notavel prof. d. Heloysa Bloem Mastrangioli, que é, ao mesmo tempo, *virtuose* e mestra de musica vocal. Compareceram ao recital collectivo 16 das 17 alumnas mencionadas no programma-convite, e foram cantados, com o acompanhamento da insigne pianista d. Julieta Gomes de Menezes, os seguintes numeros: I) *Perché*, de Fellipi, e *Menuet d'exaudet*, da Weckerlin — por Yvette François; *O del mio dolce ardor*, de Gluck, e *Novembre*, de Thémisot — por Celia Camara; *Sonho branco*, de Moutinho, e *Canção da rua*, de J. Octaviano — por Alice Sá Rego; *Automne*, de Fauré, e *Adeus*, de Barroso Netto — por Celina Gros Galliac; *Gavotte*, da op. "Mignon", de A. Thomas, e *Petite Annonce*, de Berger — por Beatrix dos Reis Carvalho; *Ben che speranza...* e *Mai*, de R. Hahn — por Edith Faria; *A flor e a fonte*, de Felix Otero, e *Guloppa, morellio*, de Quaranta — por Wanda Massucci; *Adelaide*, de Beethoven, e *Chanson de mai*, de Huberti — por Rigmor Lerche; *Aria de Elisa*, da op. "Tolomeu", de Haendel, e *Trahison*, de Chaminade — por Helena Brandão; II) *Sull' aria*, duo da op. "Nozze di Figaro", de Mozart — por Sophia e Helena Brandão; *Aimons-nous*, de Saint-Saens, e *Dimanche*, de Brahms — por Sophia Brandão; *Deh vieni non tardar*, da op. "Nozze di Figaro", de Mozart, e *Serenade*, de Leoncavallo — por Elsa Rodrigues; *Madonna Renzuola*, de Donaudy, e *Stride la vampa*, da op. "Trovatore", de Verdi — por Heloysa Magalhães; *Porgi amor*, da op. "Nozze di Figaro", de Mozart, e *Serenade*, de Strauss — por Julietinha Faria; *Sogno di Elsa*, da op. "Lohengrin", de Wagner, e *Felicidade*, de Dufriche — por Nazareth Leal; *Cysnes*, de L. Fernandez, e *La solitude de Sapho*, da op. "Sapho", de Massenet — por Anninha Rosman; *Oh! quand je dors*, de Liszt, e *Elle est à toi*, de Schumann — por Lucilia Faria (curso de aperfeiçoamento); *Printemps*, de Rachmaninoff, e *Mon amour est un tisseur*, de E. Hildach — por Lucia Muller (curso de aperfeiçoamento); *Le nuit*, duo, de Chausson — por Celina Gros Galliac e Nazareth Leal.

Figurando alumnas de 3 mezes a 3 ou mais annos de estudos, é natural não se possa apreciar a todas pela mesma bitola; mas um predicado commum todas igualmente possuem: é a bôa technica, reveladora da orientação superior da mestra. Cada qual, dentro das suas possibilidades mostrou com mais ou menos perfeição, os dotes naturaes e a cultura artistica. Assim é que apreciamos a delicadeza, a suavidade da voz, que mal começa a ser educada, da senhorita Yvette

---

A CARIDADE

O pobre menino podia ter de dez a doze annos. Lamentava-se á beira da calçada. Ao lado delle, no chão, o carrinho de mão que puxava, e do qual acabava de sahir uma roda. O menino tivera a sufficiente presença de espirito de metter no bolso o objecto que causára o desastre, isto é, uma torquez... Mas o carrinho ficára alli, como um passaro ferido, um passaro que tivesse duas azas redondas, uma das quaes se houvesse quebrado.

E, sobre a calçada, estavam dispersas as cincoenta garrafas que constituiam sua carga, das quaes uma duzia ficára lamentavelmente em pedaços. Estava o pobre menino á beira da calçada, estendendo as mãos, como uma lavadeira robusta as estende para lavar a roupa á beira do arroio cantante. Em torno delle, umas vinte pessôas compassivas e emocionadas.

— Que vae ser de mim? — exclamava, com voz soluçante, o pobre menino. — Minha mãe me havia dado estas garrafas para que eu as fosse vender. Era nosso ultimo recurso. Só tinhamos o dinheiro que pudessem dar estas garrafas para comer. E ellas se quebraram. E, além dellas, este carrinho, que um vizinho caritativo me emprestou!

A multidão, á qual me juntára eu como espectador imparcial, foi agitada por movimentos diversos, como se diz nas resenhas das sessões da Camara. Um homem avançou. Tinha um aspecto entre empregado de empresa funeraria e vidraceiro.

Esse homem podia ter, quando muito, quarenta annos. Trajava-se de modo correcto e humilde. As abas de seu chapéo verde, correcto por outro lado, pareciam ter servido de pista de corridas aos caracóes de baba argentea. Os joelhos de suas calças negras eram brancos. Adivinhava-se sem esforço, em toda a sua pessôa, uma miseria dignamente conduzida. Aproximou-se do pequeno e abriu seu paletó de reflexos verdes, que deixou apparecer um collete da mesma côr. E ao mesmo tempo todo mundo poude notar que elle trazia uma gravata negra á maneira de collarinho postiço, e que sua camisa estava reduzida a uma pobre camiseta esfarrapada.

Esse homem tirou de seu bolso interior uma nota de cinco francos, toda amassada, e a estendeu ao menino, com um gesto nobre e desesperado. Comprehendia-se claramente que era toda a sua fortuna, que não comia havia dois dias e que aquella noite se alimentaria do ar. Atravessou em sentido opposto a multidão, que se afastou respeitosamente deante delle, e, distanciando-se com passo apressado, desappareceu na primeira esquina da rua.

Então, todos os espectadores, como que movidos por uma mola que actuasse sobre sua mão direita, levaram esta mão ao bolso e tiraram moedas de todos os valores, e tambem alguns modestos bilhetes. O pobre menino acceitava tudo, agradecendo balbuciante. Uma

A senhora de idade — Queria comprar um livro que interessasse a uma moça de quinze annos.
O empregado — Sinto muito, minha senhora, mas não temos livros para moças dessa idade. Foi terminantemente prohibida a venda dos mesmos.

De Oscar D'alva

François, como admiramos e applaudimos a segurança, o brilho da voz extensa, volumosa e cuida, da que, pela ordem do programma, parece deve ser a mais adeantada do curso, a senhorita Lucia Muller.

A todas attentamente ouvindo e em geral a todas apreciando pelo talento e pelo estudo, applaudimos mais especialmente alguns numeros e algumas alumnas. Destacamos entre os numeros que nos pareceram melhor interpretados: *Perché; Novembre; Canção da rua* e *Sonho branco*, que se distinguiram pela naturalidade, pela vida sem artificio que lhes imprimiu a senhorita Alice Sá Rego; *Automne; Mai; Chanson de mai; Trahison; Aimons-nous; Stride la vampa*, a que a sra. Heloysa Magalhães deu especial realce, invulgar para uma alumna; *Porgi amor; La solitude de Sapho*, que a sra. Anninha Rosman viveu com bella expressão dramatica e vocal; *Elle est á toi* e *Printemps*, em que as senhoritas Lucilia Faria e Lucia Muller mostraram não ser simples alumnas mas quasi mestras.

Tres nomes foram propositalmente esquecidos nessa enumeração: o da senhorita Beatriz dos Reis Carvalho, que para o chronista é Beatriz d'Alva, e, por isso mesmo, julga-se elle suspeito para emittir qualquer juizo: sua opinião seria sempre attribuida, se favoravel, á generosidade, e se desfavoravel, á severidade paterna; e os da senhorita Wanda Massucci e sra. Elsa Rodrigues, que só ficaram para o fim em obediencia ao preceito evangelico — os ultimos serão os primeiros. Embora não estejam no mesmo plano technico de outras alumnas mais adeantadas, possuem, no emtanto, qualidades que as tornam merecedoras de especial referencia. A senhorita Wanda Massucci não só em *A flor e a fonte*, como em *Galoppa, morello*, distinguiu-se pela voz avelludada e quente, transbordante de musicalidade; e a sra. Elsa Rodrigues, pela empolgante força expressiva que imprimiu á *Aria*, de Mozart, e á *Serenade*, de Leoncavallo: deu-nos a impressão de uma verdadeira artista lyrico-dramatica. Agradou tanto que um dos numeros, a *Serenade*, foi bisado, entre palmas repetidas do auditorio.

Registamos ainda que a senhorita Nazareth Leal e a sra. Annita Rosman obtiveram novos successos ao cantarem em *extra*: a primeira, *Quand tu passes*, de Mesager, e a segunda, *C'était en avril*, de Carlos Pedrell.

Ao terminar o bello vesperal, que foi, de principio a fim, entrecortado por frequentes e espontaneas palmas, recebeu carinhosa manifestação de applausos do auditorio e das discipulas, a sra. Heloysa Mastrangioli, cujo valor docente acabava de se patentear mais uma vez através das alumnas, e corre de par com o da cantora, conhecida e louvada pelo publico e pela critica do Rio e S. Paulo, de Milão e Paris.

De Gabriel Lotre

senhora de certa idade, delgada e sêcca, abriu sua carteira e tirou uma nota de cincoenta francos, que entregou ao menino, passeando em torno de si um olhar de superioridade.

Foi um espectaculo emocionante aquelle. Ninguem, absolutamente ninguem, deixou de contribuir com o seu obulo. Nunca presenciei coisa semelhante. E nunca senti mais arrependimento de ter julgado mal a humanidade de que faço parte. Não eram tão más as pessôas... Não havia tanta ausencia de caridade nem de espirito de solidariedade humana... Fui injusto, comprehendo-o. Mas arrependo-me lealmente de meus máos pensamentos. Aquella senhora tão gentil, tão velha, tão generosa...

Depois de uma discreta oração á dama delgada e sêcca, a multidão se retirou pouco a pouco, e eu, afinal, fiquei só com o heróe da aventura. Este contava seu dinheiro, e um sorriso ia, gradualmente, substituindo em seu rosto a expressão anterior. Quando terminou, guardou tudo, cuidadosamente, nos bolsos, tomou a torquez, collocou-a sobre o eixo das rodas e arrumou as garrafas que estavam intactas no carrinho assim reconstituido.

O menino voltou a ser o que era antes do desastre. Sereno, feliz, até contente, parecia que o episodio, longe de amargurar-lhe a existencia, lhe concedera uma nova e poderosa injecção de optimismo, desse optimismo infantil, tão completo e tão profundo, que nós as pessôas grandes já não podemos sentir. Senti-me solidario com a alegria daquelle pequeno. Senti-me mais perto de Deus... E bemdisse a memoria de minha mãe, que sempre me ensinou a crer no bem. O menino voltava a ser feliz...

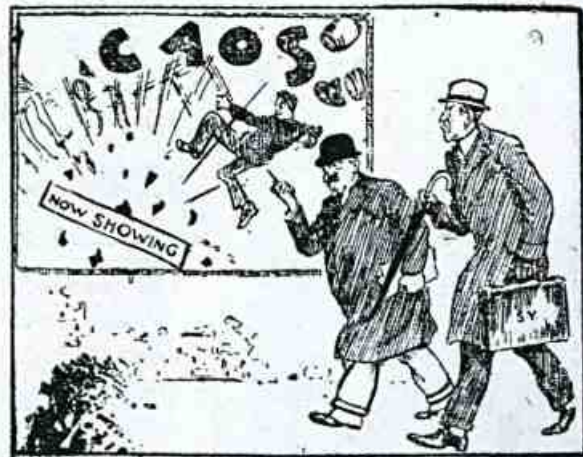
Dir-se-ia que estava acostumado a essa operação, tanta era a naturalidade de seus gestos. Observei nelle não sei que ar de tranquillidade, essa tranquillidade que só se observa naquelles que acceitam as coisas más e bôas com uma resignação admiravel de homem indifferente a todos os dissabores e a todas as aventuras. Aquelle menino merecia ser homem.

Devagarinho, como que envergonhado, me fui aproximando delle. Observei-o novamente. Da cabeça aos pés. Nada. Era um menino. Era elle. Era o mesmo menino que antes chorava desesperadamente. Aproximei-me mais. E falei-lhe:

— Tiveste sorte de encontrar-se aqui esse bom homem — disse-lhe, para dar-lhe alguma alegria antes de partir. — Elle praticou uma bella acção!

— Uma bella acção? — repetiu o menino, interrogativamente.

— Sim, rapaz — affirmei. — Quando fores homem, te lembrarás deste momento e, em todas as tuas horas, pensarás na nobreza que agora te soccorreu e perseverarás no bem.

— Talvez — disse, então, o menino, vacillante. — Mas o senhor não sabia que esse homem era meu pae?

— Deve ser uma fita terrivel! Já a viste? Qual é o enredo?

— Ainda não a vi, mas, a julgar pelo cartaz, deve tratar-se de um marido que não limpou os sapatos antes de entrar em casa.

O PRIMO GENARO

DE M. S. OLIVER

ERA o momento das decisões. (De compromisso matrimonial, como entenderão). Não havia sido officialmente annunciado, mas Camila veiu commigo em casa para ser *approvada*, e tudo se passára ás mil maravilhas.

Encontrava-me na bibliotheca, commodamente sentado, saboreando um cigarro, após o jantar, quando Camila penetrou na sala com o rosto solemne, trazendo nas mãos um desses odiosos albuns que recordam todos os acontecimentos memoraveis de familia durante os ultimos vinte annos.

— Creio que me disseste que gostavas de mim, não? — perguntou subitamente.

Sobresaltei-me.

— Disseste isso — insistiu ella, com voz lugubre. — Disseste que nunca beijaste nenhuma outra mulher.

— E' verdade — respondi rapidamente. — Nunca, verdadeiramente, me interessei por nenhuma. As mulheres sempre me aborreceram...

— Muito bem. Que dizes a respeito disso? — perguntou a moça, altivamente grave.

E abriu o album, mostrando-me um instantaneo tomado na praia durante o ultimo verão. Era uma bôa photographia para ser um instantaneo, e eu fiz justiça ao que se me mostrava.

Uma joven formosissima, dessas que fazem mal, estava na areia, acariciando o braço musculoso de um joven que se encontrava a seu lado. Ambos appareciam em roupa de banho e seus rostos eram de gente feliz.

— E' uma linda photographia — disse eu, em honra á verdade.

— Terás que explicar-te! — disse Camila, com o cenho franzido.

— Explicar-me? — repeti, como um éco. — Mas explicar o que?

Ella novamente levantou o album, impacientada.

— Pensas que sou cega?

E, com o dedo indice assignalava o cavalheiro que na photographia apparecia rindo, accrescentando:

— Este és tu!

Durante alguns segundos houve um silencio tragico. Depois, resolvi rir, francamente, e exclamei:

— E' o velho Genaro Saliti!

— Genaro Saliti?

— Por certo. Si olhares mais attentamente esse typo, verás que tem um nariz romano. Muito bem... Tenho eu, porventura, um nariz romano? E os cabellos? Certamente se parecem com os meus, mas a verdade é que a capilaridade de Saliti é tres gráos mais clara do que a minha...

— Propõe-te convencer-me de que este não és tu? — gritou ella, presa de espanto.

— Pergunta-o ao velho Saliti — respondi, já um tanto exaltado. — Não te falei outras vezes delle? Sempre nos confundiram. Pensam que somos gemeos. Quando eramos pequenos, nos confundiamos nós proprios.

Camila deu volta á folha.

— Aqui ha outro velho Genaro Saliti... que pa-

rece sempre sentir uma grande estima pelas mulheres — apressei-me a dizer. — E' elle quem se acha no meio do grupo. Genaro está ahi feito um pirata em um baile á fantasia.

Camila examinava em silencio as photographias. Ali havia um Genaro Salite com calças de flanella branca junto a uma rapariga diabolicamente formosa; um Genaro Salite em um motocicleta, levando a seu lado uma possivel senhora Saliti; e um Genaro Salitti inclinando-se para uma embarcação ao lado de outra dama, possivelmente a segunda senhora Salitti...

— Supponho que esperavas que eu te acreditaria quando me disseste que nunca havias beijado uma mulher, não é assim? exclamou Camila.

— Pois eu acreditei em ti quando me disseste que nunca permittiste que nenhum outro homem te cortejasse — repliquei valentemente.

Mas estava travando-se uma batalha perdida. Revistamos os differentes estados das relações femininas de Genaro Salit e alguma pessôa para mim desconhecida começou a arriar mentalmente minha bandeira.

— E pensar que pudeste ter-me enganado desta fórma! — exclamou Camilla, chorosa. — Brincaste com minha ignorancia acerca dos homens...

Ella se deteve ao virar uma pagina, chegando a uma dessas photographias heterogeneas, tomadas quasi por acaso, quando não se sabe o que retratar.

Ali se viam as brilhantes areias do balneario, as carpas e cabines, os meninos fazendo castellos de areia e as meninas de idade curta passeando em *poneys*.

A' esquerda da photographia, se viam duas figuras, em traje de banho. Não as notára até esse momento. Mas a moça era, indubitavelmente, Camila.

Assim! — exclamei, deleitado. — Era assim que passavas teus momentos de ocio! Nunca permittiste que nenhum homem te cortejasse, hein? E que faz este rapaz que te pôz a mão perto da cabeça? Estiveste abusando de minha ignorancia em questão de mulheres...

Camila fechou o album, para olhar-me, em seguida, com olhos brilhantes.

— Oh! Este rapaz é meu primo.

— Teu primo?... — perguntei, com accento vingativo. — Não o creio. Qual é seu nome?

— Seu nome? — repetiu ella, franzindo o cenho, pensativa. — Creio que se chama Genaro Saliti.

Nosso casamento celebrou-se na sexta-feira dessa mesma semana.

Escriptores e Livros

Aldo Delfino — TERRAS SEM DONO — Civilização Brasileira Editora — Rio 1931 — 4$

ESTE livro foi premiado pela Academia Brasileira de Letras. A commissão julgadora, formada por tres illustres immortaes, Coelho Netto, Luis Carlos e Fernando Magalhães, assim resumiu o seu pensamento: "Terras sem dono, que inculcamos ao premio, realça entre os pares por excellencias de technica e pureza de estylo. O thema que serve de caminho ás personagens, todas bem figuradas, cortado de episodios interessantes, por vezes commovedores, culmina em desenlace de grande intensidade dramatica. A linguagem simples, fluente, expressiva, sem emphase, é extreme."

De pleno accordo.

O autor, membro da Academia Mineira de Letras, herdou as brilhantes qualidades de artista do seu pae, o grande poeta Luiz Delfino.

A obra polariza o drama do sertanejo, atormentado pelo cortejo de injustiças e violencias, na repartição das terras de muitos donos...

Livro profundamente brasileiro, digno do melhor apreço.

Celestino Silveira — OS INTOXICADOS — Editor, A. Coelho Branco Filho — Rio — 1931 — 6$

EM *Os intoxicados*, ha uma suprema intenção: a de proceder a um ligeiro ensaio sobre a hora do Brasil. Sem scepticismo. Com o optimismo racional. Flagrantes colhidos no scenario exacto. Sem talco nem reflectores. Intenção de collaborar para a formação da mentalidade do paiz, que ainda não temos. Nenhuma vontade de destruir. Todo o desejo de construcção. Pouca confiança nos homens. Nenhuma personalidade. A idéa em these. A idéa por principio e por finalidade. Espectativa. De que? De qualquer coisa que se adivinha, se prevê, se espera, se anseia. E que virá. A hora culminante, definitiva, que se annuncia. Que ha de vir. Com os homens de hoje? Não é impossivel. Com outros? E' provavel. Com as mesmas raizes sociaes e politicas? Decerto que não...

Eis como Celestino Silveira justifica o seu livro, vasado em moldes novos, para um Brasil tambem novo.

São diversos os intoxicados, na obra de Celestino, uns que tombam vencidos, alguns que se debatem na ansia de alcançar a taboa da regeneração, outros, os crentes, batalhando, sem desanimos, para a frente...

Mas, impossivel resumir o livro, vivido num ambiente moderno, humanizado, perfeito.

As figuras foram desenhadas com precisão. Apenas fazemos restricção quanto á linguagem que o autor poz na bocca de Lia, a "Bem-Amada". E' demasiado elevada, destoante, do conjuncto.

Isto é apenas um ligeiro reparo, pois, de resto, só devemos applausos ao romance de Celestino Silveira.

Livro forte, vivamente dialogado, cuja leitura desperta interesse, da primeira á ultima pagina. Magnifica victoria do autor de *Carne moça*.

Caio Nunes de Carvalho — NOVA DEMOCRACIA: NOVA REPUBLICA — (O CULTO DA PERSONALIDADE E O VOTO SECRETO) — Editor, A. Coelho Branco Filho — Rio — 1931 — 3$

NESTE novo fasciculo, o segundo da serie de estudos de sociologia constitucional, o autor mantém as mesmas qualidades reveladas no seu trabalho sobre o regimen decahido.

Prégando brilhantemente o culto da personalidade, condemna a possibilidade da adopção do voto secreto no nosso paiz, proclamando que o voto livre e de responsabilidade directa é uma exigencia da nova cultura, depois da guerra de 1914, — um axioma da Nova Democracia — Nova Republica, cujo lemma é: Vida, liberdade, personalidade e felicidade — e cujas Constituições terão de reflectir nos seus preambulos o espirito da legislação politica de modo a orientar as demais instituições no sentido da uniformidade de propositos, collimando a solidariedade através do vinculo de relação politica e de correlação economica — essa estructura soberba de personalidade e felicidade do homem e da sociedade em que refulge a soberania da razão contra a soberania da convenção.

Como o anterior trabalho publicado, o presente é digno de ser lido por quantos se interessam pelos destinos da nossa nacionalidade.

Cleómenes Campos — MEF LIVRO DE AMOR — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 6$

CLEÓMENES Campos tem destacado logar na phalange dos poetas paulistas. Autor de *Coração encantado* e de *Mãos postas*, livros premiados pela Academia de Letras, é, pois, um consagrado que, na realidade, conhece a technica do verso.

Lyrico, podia ter escripto o seu livro de amor com a vibração intensa das almas privilegiadas, acostumadas aos grandes vôos pela formosa região do Parnaso.

Entretanto, Cleómenes Campos pareceu-nos demasiadamente frio, no livro que acabamos de lêr.

Não é uma obra harmoniosa: tem altos e baixos.

Dos bons versos destacamos *Eu tinha um beijo para sua bocca*, joia que offerecemos aos nossos leitores:

Eu tinha um beijo para sua bocca.

Ella estava, porém, tão alta, que em verdade
não podia jamais florir em realidade
a minha idéa louca...

Era linda! Cantava... Uma voz harmoniosa!

Certa vez, por acaso, olhou-me lá de cima,
e eu fiz uma canção bem simples, amorosa,
em que deixei meu beijo ardente, numa rima,
como um pequeno pyrilampo numa rosa...

A canção correu mundo, agil e colorida,
a espalhar pelo mundo a minha idéa louca.

Um dia, ella tambem a cantou, distrahida...

— Foi assim que beijei a sua bocca...

O TENENTE SEDUCTOR

(Continuação)

F-l-a-u-s-e-n-t-h-u-r-m!

— Meu real pae, redarguiu a princeza, é porque o seu reino é pequeno, mas o nome é grande.

— O imperador dá mais importancia á exposição annual de gado do que a um rei! Que primo! Nem sequer vem receber-nos na estação ferroviaria.

— Que parentela!... — exclamou a princeza.

— E quem é esse imperador? Ha mil annos atraz, meu reino era maior do que o delle.

— Estes novos-ricos!... — exclamou a princeza.

— Mas olha, minha filha, o resto do telegramma é um pouco mais amavel: "Mas o meu palacio está á tua inteira disposição."

Neste momento o trem chegava á estação, e tanto o rei como a princeza apearam-se e entraram no coche imperial que os esperava e que se poz immediatamente a caminho do palacio do imperador.

Em frente ao quartel, os soldados commandados por Niki formavam alas e a formosa Franzi collocou-se defronte do seu adorado tenente no outro lado da rua, para ver passar o cortejo. Quando o coche imperial passou com o rei e a princeza, Niki piscou o olho esquerdo, olhando para Franzi, mas a princeza Anna julgou que a piscadella fosse para ella.

Ao chegar ao palacio imperial, o rei, informado do que se passara, pediu pelo telephone satisfações ao imperador, e o tenente Niki foi preso para ser julgado em conselho de guerra.

Está claro que os jornaes exploraram o caso, dando-lhe um ar de escandalo, e num jornal da noite lia-se a seguinte noticia sensacional:

UM CRIME DE LESA MAGESTADE

Ao passar pelo quartel do regimento de artilharia, o tenente Niki Von Preyn piscou o olho á princeza Anna, e o rei Adolf pediu satisfações ao imperador.

No palacio, acalmados os animos, o emissario do imperador disse ao rei Adolf:

— Magestade, o tenente vae ser julgado em conselho de guerra!

— Não! Eu não tenho confiança nos vossos tribunaes, replicou o rei. Que se pode esperar de um paiz que dá mais importancia a uma exposição de gado bovino do que a um rei? Minha filha está servindo de risota aos jornaes!

— Foi uma grande humilhação, asseverou a princeza Anna. Eu não tolero isto! Uma princeza tambem tem sentimentos de mulher!

— Sim, bradou o rei, e esse tenente tem que me dar uma satisfação cara a cara!

A exigencia do rei foi satisfeita e um quarto de hora depois Niki foi á presença de sua magestade Adolf XV, rei de Flausenthurm, e de sua alteza a princeza Anna.

— Como soletra F-l-a-u-s-e-n-t-h-u-r m?... — perguntou o rei ao tenente Niki.

— Com um "H" entre o "T" e o "U", respondeu Niki, num insinuante tom de voz, que agradou muito ao rei e *muitissimo* á princeza.

— Como elle deve soletrar bem a palavra a-m-o-r, murmurou, em voz baixa, uma das aias da princeza.

— Mas... que me diz você a isto?... — perguntou o rei a Niki, mostrando-lhe um jornal em que se lia a noticia de que elle seria julgado em conselho de guerra.

— Ora, vós sois mais bonito do que o retrato deste jornal, contestou, risonhamente, o jovial Niki, aplainando o caminho para agradar ao rei.

— Gosta mais deste?... — inquiriu o rei, dando a Niki uma cedula de 500 corôas, na qual estava impresso um de seus retratos.

— Muito mais! Que bonito retrato! Isto vale ouro, affirmou Niki, mettendo a cedula no bolso.

— Mas esta conferencia não é para comprar retratos!... — exclamou, indignada, a princeza.

— Tenente, bradou o rei, sabe qual é a penalidade por piscar o olho a uma princeza? Por que foi tão imprudente? Diga a verdade.

— Eu estava apresentando armas, redarguiu Niki, quando, sem querer, olhei para uma formosa moça...

— Como se atreve a chamar moça a sua alteza real?... — perguntou-lhe o rei.

— Quando eu vi a princeza, proseguiu Niki, fiquei encantado... esqueci-me e...

— Piscou o olho, bradou o rei.

— E agora, formosa princeza, disse Niki, agora que já sabeis o meu crime, ponho o meu destino em vossas lindas mãosinhas.

— E' um prazer para mim, declarou a princeza, ter em minhas mãos o destino de um tão garboso militar. Antes de você chegar, eu falei pelo telephone com o imperador, meu tio, e elle nomeou-o ajudante de ordens de meu pae.

— Tanta honra confunde-me, murmurou, modestamente, Niki.

— Espero que nos mostre toda a cidade, solicitou a princeza.

— A cidade de Vienna é fascinante, affirmou Niki. Se vossa alteza se dignar olhar pela janella, poderá ver a Cathedral de Santo Estephanio, a cupula de São Paulo e, mais adeante, o convento dos Capuchinhos...

— Esses edificios velhos não me interessam, declarou a princeza, fitando o tenente, eu só gosto de coisas novas e attrahentes.... Qual foi a sua impressão quando me viu aqui.... no palacio?

— Minha impressão foi a de estar na presença da princeza mais bella do mundo!

— Ah, exclamou a princeza Anna, que pena ser eu tão.... inexperiente! Aprendi o que sei na Encyclopedia Real. Explique-me! Por que foi que você piscou um dos olhos?

— Quando eu gosto de alguem, sorriu, e quando quero demonstral-o, pisco!

— Basta! Napoleão era um tenente quando se casou com uma princeza austriaca.... Lembre-se disso.... e agora pode retirar-se... adeus.

Niki sahiu do palacio mais que depressa, mas aquella ultima phrase da princeza não lhe sahia dos ouvidos. Tencionava ella punil-o casando com elle? Isso seria uma sentença horrivel, porque o seu coração pertencia a Franzl. E foi com estes tristes pensamentos que elle entrou em casa.

— Elles não podem prender-te, asseverou Franzl, ao vel-o; tu não piscaste o olho á princeza Anna.

— Eu poderia desculpar-me, retorquiu Niki, dizendo que pisquei o olho para ti, mas não quero envolver teu nome neste assumpto. Não chores, Franzl, tudo ha de acabar bem.

— Oh, meu Niki, ninguem poderá separar-nos! Nosso amor ha de vencer todos os obstaculos.

E Niki, para alegrar Franzl, poz-se a cantar:

Tenho oito horas por dia
Para servir de guia
E outras doze para dormir,
Amar, beijar e sorrir...
E nas quatro horas que me restam
Farei tudo que me pegam...
Porque rufo bem um tambor
Na presença de meu amor!

Mas nesse momento alguem bateu á porta. Era o coronel Rickoff, do estado maior do rei Adolf, que disse a Niki:

— Venho tratar confidencialmente de um assumpto. O rei Adolf e a princeza Anna querem falar-lhe. Mas você não pode falar com a princeza sem falar com o rei. Percebeu? Queira apresentar-se ao rei Adolf immediatamente. Adeus.

Niki beijou Franzl e foi para o palacio imperial. Pela primeira vez em sua vida, o tenente, que tinha o dom de attrahir e o poder de agradar, viu-se em face de um problema amoroso difficil de resolver. Como se salvou elle? E' o que os leitores poderão ver no desenlace deste vibrante film, que nos ensina a tirar partido de todas as situações difficeis da nossa vida.

A Santa do Lar

(Luiz Guimarães Filho)

O' Santa Therezinha!
Luz Minha!... virgem minha!... idolatrada minha:
Na penumbra subtil da majestosa egreja
Eu busco a solidão da placida capella
Onde brilhas feliz, serena, bemfazeja,
Para a gloria de Deus que te criou tão bella!
Deixa-me penetrar neste teu santo abrigo...
Eu sou, pobre de mim, um misero mendigo
Que te supplica a doce esmola de uma graça!
Escuta a minha voz!... é minh'alma que passa.
O' morta carmelita,
No sagrado solar onde a tua alma habita!
Palpitante de angustia o mundo inteiro implora
O sorriso de allivio e de perdão que enflora
Teu rosto juvenil...
Ah! deixa-me tambem vir a teus pés!... consente
Que eu possa humildemente,
Rezar pelo Brasil!
Pelo povo fiel que em todos os seus lares
Te ergueu lindos altares
Em fervente signal de amor que te tributa...
Pelo Brasil que os teus desejos adivinha!
Pelo Brasil que soffre, ó Santa Therezinha!
Que seja a terra-mãe da bemaventurança!...
Terra da caridade e terra da esperança,
Do immigrante sem tecto e dos povos [sem pão!
Terra do bom trabalho e do labor [fecundo,
Capaz de abastecer e de nutrir o [mundo,
Terra da Promissão!
Que desabrolhe o fruto em seus ver- [géis!... que luza
A messe!... e a flor matize os cam- [pos!... e a floresta,
Em cabedaes profusa,
Vibre á marcha nupcial da natureza [em festa!
E ao sol, pujante e louro,
Que de brilho e calor a immensidade [banha,
Rasguem-se em minas de ouro
Os flancos da montanha!
O' Santa Therezinha!
Luz minha!... virgem minha!... ido- [latrada minha!...

M A R I O

Vós que viveis, que sentis, que vibraes; que tendes em vossos corpos o desabrochar dos fogos sagrados da juventude; Que tendes em vossos cerebros a sabedoria de Platão, de Plutarco e a sabedoria de Ruy Barbosa; que tendes em vossos corações a grandiosidade de sentimentos bons e puros que, nos vossos berços, vos embalaram com canções maravilhosas... Vós, que tendes em vossas almas, a belleza do hellenismo grego; que possuis o Tudo, vinde dizer-me, com tôda a força do vosso Sêr, si a Morte é mais forte que o Amôr...

Sim. A Morte, a ante-camara da Vida...

.. ..

A alcova era triste. Triste era o scenario que se desenrolava no poder da imaginação. Triste era a symphonia louca de dois corações que se amavam perdidamente...

Perante a Justiça Humana, a Mulher era a condemnada. Sempre a Mulher!... Sempre a Mulher!...

A Sciencia, nos bastidores tristes da Vida, estava representada pelas tres summidades medicas da Côrte. Eram homens de conhecimentos profundos, que profundamente conheciam as doenças da materia...

A Religião tambem estava presente, dogmatizando, com os seus preceitos, o scenario triste, da triste vida, de uma juventude em flôr...

O Amôr, como um velario gigantesco, abençoava aquelles dois corações, cuja materia agonizava, mas seus espiritos, espiritualizados num longo beijo infinito, subiam, em aspiraes de doçuras, aos pincaros da Fantasia e da Dôr...

— Mario...

— Meu amôr...

— Mario, meu Mario querido, que fizeste do meu pedido?... Anda. Dize-me lá...

— Elvira... Escuta. E' primavera. Manhã de rosas... O Céo, a Terra, a Natureza tôda nos embala. O sangue que nos corre nas veias diz-me, baixinho, o segredo, o grande segredo que a tua juventude possue...

Aproxima-te de mim! Fita-me mais... e sentirei, em meus olhos, a força magnetica do teu olhar... Sorri... e sentirei, em meus labios, a flôr maravilhosa de tua bocca...

— Depois...

— Depois... um gemido... uma lagrima... uma prece... uma Dôr...

.. ..

Quando as primeiras sombras crepusculares appareceram no Infinito, "Elle", triste como um poema, bello como um semi-deus pagão, aproximando-se emocionado da estatua fria, que coloria o leito derradeiro de sua bem-amada, rezou no seu rosario de emoções a prece abençoada daquelles que viveram, vibraram, e sentiram a Vida. Ao terminar, tornou-se mais pallido ainda. E a noite desceu sobre a Terra...

Então, voltou a realidade. O Mundo lhe era necessario...

Viver!... Sim. Era necessario viver!...

E perdoou a Morte.

Perdoou os deuses vencedores.

E recomeçou a amar...

Eduardo Martinelli

MOSAICOS

AMOR I. MORREU SOLTEIRO

Love I — esse é o suggestivo nome de um rei — falleceu, não ha muito, em Aberdare.

Love Pritchard, rei de Bardsey, pequena ilha solitaria da bahia de Cardigan, não figura no almanach de Gotta, porém, durante mais de vinte annos reinou sobre os quarenta habitantes de Bardsey, ostentando na cabeça a corôa symbolica de prata dourada que lhe presenteara lord Newborough, proprietario da referida ilha. Seu reinado foi um dos mais tranquillos de que ha noticia na historia da ilha, até que, certo dia (oh! a grande desgraça!), os habitantes de Bardsey se deixaram arrastar pela vertigem do progresso e rumaram uns para a França, outros para a Inglaterra, deixando o monarcha triste e solitario. Tão triste e tão só, que não se conteve tambem, e, abandonando a corôa de prata, transportou-se para Aberdare, onde adquiriu um pequeno "chalet". A partir dessa data assistiu a um sem numero de espectaculos para elle novos.

O football, a natação, o polo, a "brisca" encantaram-no. O que, porém, o desconcertou por completo foram os films falados e cantados, porque não só lhe revelaram a "degradação palpitante" da civilização contemporanea, como tambem porque aquelles ruidos que sahiam da pellicula, segundo affirmou, eram um tormento digno dos tempos medievaes. Indignava-se, tambem, Love I, com o escandalo dos beijos trocados entre amantes na tela. E, talvez, por isso, é que elle desfez seu projectado casamento com uma joven do condado de Galles e jogou na cesta uma quantidade de cartas e offertas que, a esse respeito, lhe fizeram mulheres da França, da Allemanha e do Canadá.

Os jornaes falaram muito sobre a vida e os milagres de Love I, porém esqueceram-se de dizer o essencial: que tinha 82 annos já feitos, quando abandonou a corôa de prata.

E foi assim que Amor I morreu solteirão, sem nunca ter conhecido o amôr ás direitas...

Leiam O FIM DE FAUSTA

— As porções que servem áquelle senhor são o triplo das que servem a mim. Vou protestar. Onde está o gerente?

— E' aquelle senhor, precisamente: o das triplices porções...

Reflexões

GISÉLE entrou bastante perturbada pelo encontro que acabava de ter. No salão, onde, como todos os annos, expuzéra uma paizagem, déra, de repente, com seu collega Pedro Deltil, que ella suppunha ainda no Egypto. Depois de um lendo passeio em torno da esculptura — o mercado de gesso, como dizia Pedro — se havia separado com um demorado aperto de mãos e um sorriso, dizendo-me simplesmente: "Até breve..."

Fazia calor e o céo estava azul. Havia no ar alegria, perfumes, esperanças, desejo. Mas Giséle, um pouco cansada, estranhava não participar dessa alegria como esses transeuntes que riem e se movem em torno della. Numa praça publica, divisou, sobre um banco, um casal de namorados que se beijavam a plena bocca. E como um senhor velho parecia manifestar por isso alguma indignação, ella sentiu desejo de gritar-lhe por simples espirito de contradicção e de máo humor: "Mas... para que olhou?..."

Deante do espelho de uma casa commercial ficou surprehendida pela graça de sua propria silhueta: seu corpo esbelto, gracioso e envolto em umaa *toilette* primaveril. Pernas nervosas, com finas meias de sêda. Apressou o passo e sorriu a si mesma. Via-se logo que aquelles labios vermelhos, aquella claridade de semblante, aquelles grandes olhos negros, sobretudo, expressivos e cálidos, pertenciam, a uma mulher joven. Que idade tinha, pouco mais ou menos? Vinte e cinco annos. Oh, não eram muitos! Apenas ella sabia que tinha trinta e sete annos bem completos e que a joven não passava de uma velha. Suspirou e proseguiu seu caminho.

Chegou a sua casa, a seu vasto *atelier*. Comeu alli sozinha, servida por sua criada Sofia. Não mudára siquer. Para que? Em baixo, pela janella aberta, via a massa espessa de arvores da praça, que cheirava como um incensario, com recantos sombrios, cheios de passaros e de ninhos. Por um momento se inclinou um pouco e se sentiu acariciada por uma longa brisa temperada. Bebia o aroma, a um tempo amargo e assucarado, ternamente, com as narinas dilatadas, os sentidos commovidos e o coração palpitante. Foi então que descobriu no jardim, sobre um banco, um novo casal enlaçado. A réplica exacta do outro. O mesmo abandono, o mesmo esquecimento de tudo.

Afastou-se entediada, e, sentando á beira da cama, disse a Sofia, occupada nesse momento em arrumar uma valise para a proxima viagem de Giséle:

— Fecha a janella. Está fazendo um pouco de frio.

Mas, mesmo fechada a janella, Giséle não se podia livrar da obsessão. Não respirou até a noite.

Asphixiava-se. Ligou a luz e procurou ler. Impossivel. Por volta das onze horas, passou ao quarto de

— Não te sentes melhor, com as pastilhas que o doutor te receitou, para a falta de memória?
— Absolutamente; pois si me esqueci de tomal-as...

perigosas

De Augusto Villeroy

toilette. Ali, deante de seu espelho, com a carne branca exposta, admirou gravemente sua nudez sadia, como antes sorrira a sua elegancia. E, de repente — por que? — as lagrimas lhe subiram aos olhos. Por que tudo isso? Depois, deslisou em seu leito, que lhe pareceu immenso e gelado, e, não podendo dormir, accendeu um cigarro. Mas o perfume de opio do tabaco a fez pensar no Egypto, e evocou, de repente, a imagem de Pedro deante della.

E uma recordação a assaltou bruscamente. O joven lhe havia dito, no salão, que ficaria em casa toda a manhã seguinte. Sentiu-se enrubescer, depois empallidecer, só então comprehendendo, á luz de conversações anteriores, o convite occulto, sob a banal indifferença de conseguir esse facto. Por quem elle a teria tomado? Toda a sua educação burgueza de virgem crescida á sombra de um collegio de freiras, artista somente por occasião — quasi por prescripção, dizia sua familia — lhe subia ao cerebro. Ah! Não! Ha coisas que não se fazem.

Mas burgueza — burgueza extraviada — é que em seu meio havia jamais encontrado com quem se casar? Apesar da rectidão de sua vida, não a olhavam sempre como um pouco suspeita? Então, que? Leviana? Eternamente leviana? Condemnada a jamais conhecer a vida, a verdadeira vida, a conservar-se lamentavelmente numa especie de zona neutra, na fronteira de duas classes sociaes, até a morte? E depois sua idade! Sua idade! Quasi quarenta annos, cifra que soava a seus ouvidos como um toque funeral. Estava tocando o limite de sua juventude, de sua inutil juventude. Bella sempre, sempre desejavel. E, depois de tudo, ella era livre! Não se expunha a fazer mal senão a ella propria. Não tinha que prestar contas a ninguém, de seus actos. Ah! Tanto peor si mais tarde lhe pesasse. Isso seria o preço de sua alegria.

No dia seguinte, no emtanto, quando se despertou — ás dez e meia da manhã — estava quasi tranquilla, satisfeita tambem de verificar que já era tarde para ir á casa de Pedro. A noite traz conselho, é verdade. A virgem, decididamente, era uma virgem forte. Mas, bruscamente, se levantou.

— Ah, meu Deus!... Mas, ia me esquecendo... Elle me disse que estava á minha disposição essa historia de Arte... E tenho necessidade della... Oh, absolutamente!... E' preciso...

Alguns instantes depois, caminhava pela rua, sob o sol, e, como que levada por milhões de azas invisiveis, se dirigia para seu destino...

OS TRES MEDICOS

De Gaston Guillot

MEU amigo Páufilo soffria. De que? Elle proprio não o sabia. Tossia de vez em quando, como si um lagarto lhe passasse pela garganta.

O medico a quem consultou sobre seu mal lhe aconselhou que bebesse agua sulfurosa. Nada mais natural. Páufilo ingeriu muito liquido. Mas, longe de curar-se, emmagreceu rapidamente.

Consultou outro medico. Este, depois de minucioso exame, declarou que o estado geral do paciente deixava muito a desejar.

— Phósphoro, senhor! Phósphoro! Réphosphóre-se! Coma muito peixe e verá como se restabelece.

Páufilo deixou sem existencia todas as casas de peixe do bairro, ao ponto de ser elevado o preço desse genero de primeira necessidade.

Tudo, porém, foi inutil. Páufilo emmagrecia cada vez mais.

Foi consultar um terceiro medico.

— Já sei o que é — disse, gravemente, o sabio doutor. — Umas simples massagens acertadas restabelecerão essa circulação, tonificarão esses musculos e o porão novo em poucos dias. Si não temesse repetir uma pilheria muito velha, dir-lhe-ia que, graças a meu methodo, o senhor chegará a centenario em pouco tempo.

Os dois primeiros tratamentos haviam reduzido Páufilo á condição de esqueleto. Agora, elle não era mais grosso que um candelabro. Mas, desejoso de submetter-se ás decisões infalliveis da sciencia, se poz a procurar um massagista diplomado.

Este lhe determinou que se despisse e se estendesse sobre uma mesa. E logo que seus dedos ágeis começaram a percorrer o corpo de meu amigo Páufilo, este gemeu de dôr.

— Estou, porventura, machucando o senhor? — perguntou, espantado, o massagista.

— Apenas está me queimando.

— Mas isso é bom. Entretanto, vou deixar que descanse um pouco. E, emquanto isso, irei fumar um cigarro na sala de espera.

Quando voltou, o massagista lançou um grito de espanto. Sobre a mesa fumegava ainda um monte de cinzas. Era o que restava da envoltura carnal de seu cliente. Aterrado, correu á delegacia do districto, onde declarou ao commissario a occorrencia.

O caso foi levado á Academia de Medicina. A douta corporação interrogou os tres medicos que haviam assistido a Páufilo, e deu uma explicação:

"Não ha, no caso, nada de mysterioso. O paciente estava saturado de azofre e phósphoro. As massagens inflammaram o azofre, e este provocou a incineração desse corpo exageradamente sêcco."

OBSERVANDO A VIDA

(MADAME CAZALIS)

Um imbecil póde ver claro; mas, si raciocina, está perdido.

* * *

As intimidades duraveis se fazem á base de indifferença.

* * *

E' bom a gente crêr-se util, mas é intoleravel crêr-se indispensavel.

* * *

Certas almas collecionam rancores com verdadeiro enthusiasmo.

* * *

O verdadeiro amigo não é aquelle que nos defende, mas, sim, aquelle cuja presença, tão sómente, impede qualquer ataque.

* * *

Um accidente nos commove; uma enfermidade longa nos cansa.

* * *

O humorismo é a alegria da experiencia.

* * *

Comparar duas pessôas presentes, é o meio mais seguro de tornar-se desagradavel ás duas.

O "GLORIA SCOTT"

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

Certa noite de inverno, Sherlock Holmes que, sentado ao pé do fogão, examinava uns papeis, disse-me de repente:

— Tenho aqui algumas notas, Watson, que de certo o hão de interessar. São os documentos que se referem ao extraordinario caso do "Gloria Scott". Aqui está a carta que foi a causa da congestão mortal do juiz de paz Trevor.

Tirára de uma gaveta um pequeno rôlo de papel e, desatando a fita que o envolvia, mostrou-me uma nota rabiscada numa meia folha de papel acinzentado.

Dizia o seguinte:

"A matta da caça em Londres está para ser descoberta. O caçador Hudson, segundo creio, já mandou fornecimento; disse ter remettido tudo. Se faisão foge, ao menos salva e guarda tua faisôa com vida."

Olhei para Holmes que sorria intencionalmente.

— Parece espantado, disse-me elle.

— E' que não percebo a razão por que estas linhas possam ter inspirado terror a alguem. Acho-as desconnexas e sem sentido.

— Tem razão; mas posso affiançar-lhe que um velho cheio de robustez, apenas as leu, cahiu para o lado, como se lhe tivessem dado um tiro.

— Está-me intrigando immenso. Tem algumas razões especiaes para me fazer estudar este caso?

— Tenho. Foi o primeiro de que me occupei.

Já muitas vezes eu tinha desejado que o meu companheiro me contasse a origem da sua vocação de detective, mas nunca o tinha achado em maré de confidencias.

Desta vez, porém, Holmes endireitou-se na cadeira de braços, poz os documentos em cima dos joelhos, accendeu o cachimbo e, emquanto fumava, começou examinando os papeis do rôlo.

— Nunca me ouviu falar de Victor Trevor, não é verdade?

— Nunca.

— Foi o meu unico amigo durante os dois annos em que estive no collegio. Sabe que nunca fui muito sociavel, meu caro amigo. Preferia deixar-me ficar no meu quarto estudando os meus methodos de deducção, a juntar-me com os meus companheiros. Não gostava de nenhum exercicio physico, a não ser da esgrima e do box; as tendencias do meu espirito eram tambem differentes das delles; assim não havia entre nós nenhum ponto de contacto. Trevor era o meu unico amigo intimo.

Um dia, quando eu ia a caminho da capella, um "bull-terrier" que elle tinha, mordeu-me numa canella. Foi esta a causa prosaica da nossa posterior amizade.

Cahi doente e tive de ficar de cama dez dias, durante os quaes Trevor veiu sempre saber como eu estava. A principio trocavamos apenas algumas phrases banaes. Pouco a pouco, porém, essas relações foram-se estreitando e no fim do anno escolar eramos amicissimos um do outro.

Trevor era um rapaz cheio de bondade, de actividade e de energia. Sanguineo de temperamento, era a perfeita antithese do meu feitio. Quando comprehendi que vivia alli tão isolado como eu, affeiçoei-me a elle em extremo.

Convidou-me para casa do pae em Dounithorpe, no condado de Norfolk, e eu, nas férias, acceitei o convite. O pae, proprietario e juiz de paz, era um homem rico e considerado. Dounithorpe é uma aldeiasinha situada ao norte de Langmere, na região dos Broads. A' casa, grande e velha, construida de tijolo, dava accesso a uma linda avenida de tilias. Nos quartos, tectos com vigamento á vista; na propriedade excellente caça aquatica, optima pesca; bibliotheca pequena mas escolhida, que, creio eu, fôra cedida pelo anterior proprietario, e uma cozinha razoavel.

Nestas condições, só quem fosse muito exigente não passaria lá um mez muito agradavel. Trevor, que era viuvo, só tinha um filho, o meu amigo. Uma filha que tivera, morrêra em Birmingham.

Começou a interessar-me muito, logo que o conheci. Dotado de uma notavel energia moral e physica, comquanto não possuisse grande elevação intellectual, as suas viagens tinham-lhe feito adquirir enorme pratica da vida, da qual soubera tirar partido. Muito robusto de constituição, com grande abundancia de cabello já grisalho, tinha o rosto trigueiro, e uns olhos azues tão penetrantes que eram quasi ferozes.

Comtudo, Trevor gozava, na terra, da fama de bondoso e caritativo. Mesmo nos seus juizos era sempre de uma grande indulgencia.

Uma noite, pouco tempo depois da minha chegada, estavamos tomando um copo de vinho do Porto, depois do jantar. O meu amigo pôz-se a falar das minhas manias de observação e de deducção, manias que já nessa época estavam arraigadas em mim, comquanto eu ainda não tivesse comprehendido o papel que viriam a desempenhar na minha vida...

O velho pensou de certo que o rapaz exaggerava muito ao contar minhas proezas.

— Pois bem, senhor Holmes, disse-me elle num tom de bonhomia, tenho curiosidade de o vêr adivinhar a minha vida.

— Sem estar perfeitamente certo do que affirmo, parece-me comtudo que de um anno para cá o senhor Trevor receia uma aggressão.

Pôz-se de repente muito sério, e olhou-me com o maior espanto.

— E' isso mesmo! Lembras-te, Victor, disse, dirigindo-se ao filho, daquelles ladrões de caça que prendemos? Juraram assassinar-nos, e com effeito sir Eduardo Hoby foi atacado. Desde então tenho estado sempre á espera de um desgosto. Mas como diabo o senhor Holmes poude descobrir isso?

— Essa optima bengala que traz, senhor Trevor, comprou-a ha um anno; ainda conserva a marca da loja. Além disso, noto que quiz fazer della uma arma, pois lhe deitou no castão chumbo derretido. Dahi concluo que teme ser atacado.

— Que mais? perguntou-me, sorrindo.

— Exercitou-se muito ao box, quando mocinho.

— E' verdade. Mas como o soube? Tenho o nariz partido ou machucado?

— Não. Vejo apenas que as suas orelhas têm o achatamento e a espessura que caracterizam os jogadores de box.

— Que mais observou?

(Continúa na pag. 72)

ANEMIA
DEBILIDADE CONVALESCENÇA
os médicos os mais eminentes receitam
VINHO e XAROPE DESCHIENS
de Hemoglobina
PARIS

ASB

T. TARQUINO
é Bronchite!
TOME
PONCHE DE SIAN
(CREOSOTADO)
EVITARÁ
TOSSES, ROUQUIDÕES, CATARROS, ETC.
UNICOS DISTRIBUIDORES: MARTINS LIBERATO & C^IA
CAIXA POSTAL 2147 - RIO DE JANEIRO

Fortes

— As callosidades que tem nas mãos mostram que manejou muito a pá e a enchada.

— Ganhei toda a minha fortuna nas minas de ouro.

— Esteve na Nova Zelandia.

— E' tambem verdade.

— Visitou o Japão.

— Perfeitamente exacto.

— Conheceu alguem cujas iniciaes eram J. A., e que procurou depois esquecer o mais possivel...

Trevor levantou-se lentamente, fitou em mim os seus grandes olhos azues, com um olhar extranho e aterrado; depois cahiu sem sentidos.

Póde imaginar, Watson, quanto isto nos impressionou, ao meu amigo e a mim.

O desmaio não foi muito longo. Depois de lhe desapertarmos o collarinho, aspergimos-lhe o rosto com agua fria. O doente respirou com força e depois endireitou-se na cadeira.

— Espero não os ter assustado muito, meus filhos, disse com um sorriso forçado. Apesar do meu aspecto de bôa saude, devo confessar-lhes que tenho um principio de doença de coração, e qualquer coisa me deita abaixo. Todos os "policias" que tem havido ou que se tem inventado, não são nada ao pé de si, senhor Holmes. Achou a sua vocação, póde acreditar na minha velha experiencia.

O que é facto é que este conselho e a exaggerada apreciação que elle então fez da minha habilidade me suggeriram mais tarde a idéa de transformar em profissão o que então fôra apenas um simples passatempo. Naquelle momento, porém, estava tão preoccupado com a indisposição de Trevor que só nisso pensava.

— Creio que não disse nada que lhe causasse impressão? perguntei-lhe.

— E' que tocou o meu ponto sensivel. Póde dizer-me como descobriu tudo isso, e em que indicios baseou as suas exactas supposições?

Falava agora num tom jovial, pouco em harmonia com a expressão dos seus olhos, em que ainda se pintava o terror que o acommettera.

— E' simplicissimo, respondi. Lembra-se da nossa pesca no outro dia?... Para puxar um peixe para dentro do barco, arregaçou a manga, e notei então que tinha as letras J. A. tatuadas no braço. Apesar das letras se verem ainda bem, notei que estavam meio apagadas. Por este indicio, e por vêr a côr que a pelle tinha verifiquei que havia tentado apagal-as. Dahi conclui que, se a principio lhe fôra grata a recordação dessas iniciaes, desejou com certeza mais tarde esquecel-as.

— Que perspicacia! exclamou, respirando alliviado. Adivinhou realmente. Mas não falemos mais nisso. O espectro das antigas paixões tem o que quer que seja de aterrador, e nunca é bom invocal-o. Vamos para a casa do bilhar, e fumemos tranquillamente um bom charuto.

Desse dia em deante Trevor, apesar de muito amavel, conservou-se sempre de pé atraz commigo. O proprio filho notou isso.

— Fizeste uma bôa partida a meu pae, dizia-me elle ás vezes. Já não está nunca á vontade deante de ti.

De facto o pobre homem bem queria ter um ar natural na minha presença; mas, apesar dos seus esforços, notava-se em tudo o que fazia um sentimento de desconfiança muito pronunciado.

Convenci-me de que era demais naquella casa, e resolvi abreviar a minha visita. Precisamente na vespera da minha partida, sobreveiu um incidente que teve as mais graves consequencias.

Estavamos os tres assentados na relva, aquecendo-

(Continúa na pag. 74)

MISERIAS DA DIGESTÃO!

Ellas só serão uma má lembrança se tomar meia colher de café de Magnesia Bisurada num pouco de agua depois das refeições. Azia, eructações acidas, vomitos, flatulencia, etc., etc., desapparecem dentro de alguns minutos logo depois da primeira dóse. A Magnesia Bisurada neutraliza a acidez do estomago, quasi sempre a causa dos vossos soffrimentos, e vos assegura uma digestão facil e sem dôr. Em todas as pharmacias.

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

nos ao sol e admirando a paizagem dos Broads, quando um criado nos veiu dizer que um homem pedia para falar ao senhor Trevor.

— Como se chama? perguntou o juiz.

— Não quiz dizer o nome.

— Que pretende então?

— Diz que o senhor o conhece; quer vel-o e falar-lhe.

— Conduza-o para aqui.

Momentos depois vimos chegar um homem de pequena estatura e aspecto vulgar, cujo olhar desconfiado e pesados passos me feriram a attenção. Trazia jaqueta desabotoada, suja de alcatrão numa manga, camisa de quadrados vermelhos e pretos, calças enlameadas e sapatos grossos já muito usados: no rosto magro e queimado não havia franqueza, nos labios como que se estampára um sorriso que deixava vêr os dentes amarellos e irregulares.

Notei tambem que tinha as mãos, meio fechadas, habito este que é geral nos marinheiros. Apenas o viu approximar-se, Trevor soltou como que um rugido; levantou-se de repente e correu para casa. Demorou-se apenas um instante, e quando voltou cheirava immenso a aguardente.

— Então, meu amigo, disse elle, em que lhe posso ser util?

O maritimo olhou-o ironicamente e com o eterno sorriso que lhe pairava nos labios entreabertos.

— Então já não me conhece? disse.

— E' o Hudson! exclamou Trevor, com ar de espanto.

— Sim, senhor, o Hudson em pessôa. Ha mais de trinta annos que não o via. Então está aqui installado em casa sua, e eu ainda a comer carne de conserva!

— Ora! Vae vêr que não me esqueci do passado, exclamou Trevor; e approximando-se do maritimo falou-lhe em voz baixa. Depois em voz alta: Vá até a cozinha. Lá lhe darão de comer e de beber. Vou tratar tambem de lhe arranjar uma collocação.

— Muito obrigado, respondeu o homem coçando a cabeça. Terminei agora mesmo um contracto de dois annos, que tinha num navio costeiro de oito nós e equipagem incompleta. Preciso de descançar, e pensei em fazel-o aqui ou em casa do sr. Beddoes.

— Que?! exclamou Trevor. Sabe onde mora o senhor Beddoes?

— Decerto. Sei onde estão todos os meus velhos amigos, retorquiu o homem, com um sorriso enigmatico; e acompanhou vagarosamente o criado que lhe indicava o caminho da cozinha.

Trevor vagamente nos explicou as relações que tivera a bordo com o maritimo, ao ir para as minas; depois deixou-nos, e entrou em casa. Uma hora mais tarde fomos encontral-o completamente embriagado, estendido no sofá da sala de jantar.

Todo este caso me deixou uma pessima impressão. No dia seguinte sahi de Dounithorpe, e confesso que com alguma satisfação, pois comprehendia que a minha presença estava sendo incommoda ao meu amigo.

Tudo isto se passára durante o primeiro mez de férias grandes. Fui dahi a Londres, onde durante sete semanas me dediquei a experiencias de chimica organica. Pelos meados do outomno, poucos dias antes de se abrirem as aulas, recebi um telegramma do meu amigo supplicando-me que fôsse a Dounithorpe, pois necessitava muitissimo dos meus conselhos e do meu auxilio. Como se póde calcular, deixei tudo e parti para o Norte.

O meu amigo estava á minha espera na estação, com um *dog cart*, e logo á primeira vista percebi que devia ter soffrido muito, durante o tempo em que não nos viramos. Tinha emmagrecido e parecia acabrunhado; já não era o mesmo rapaz cheio de vida e alegria encantadora.

— Meu pae está á morte, disse-me elle, vindo ao meu encontro.

— Não é possivel! exclamei. Que tem elle?

— Uma congestão e abalo nervoso. Póde morrer de um momento para o outro. Não sei se o iremos encontrar ainda com vida.

Calcula bem, Watson, quanto esta inesperada noticia me perturbou.

— E a que attribues tu o estado delle? perguntei.

— E' o que precisamente não sei! Mas sobe para o carro. Conversaremos pelo caminho. Lembras-te daquelle homem que chegou na vespera de te ires embora?

— Perfeitamente.

— Sabes a quem nesse dia abrimos a porta?

— Eu, não.

— Ao diabo, Holmes, ao diabo em pessôa!

Olhei para elle estupefacto.

— Sim, ao diabo! Nunca mais tivemos uma hora de tranquillidade, uma unica! Meu pae nunca mais andou de cabeça levantada; agora é a propria vida que lhe foge; tudo isto por causa desse maldito Hudson!

— Mas que poder tem esse homem sobre elle?

— Daria tudo para o saber. Meu pae é um homem tão honrado... bom, caridoso... Como explicar que elle tenha cahido nas garras de semelhante patife? Estou bem contente por te ter aqui, Holmes. Deposito a mais absoluta confiança no teu criterio e na tua discreção, e sei que só me pódes aconselhar bem.

Iamos correndo rapidamente pela estrada poeirenta; ao longe via-se a extensa linha dos Broads doirada pelo poente. Já avistavamos por sobre um pequeno bosque, á direita, as altas chaminés e o mastro do pavilhão, na casa do rico proprietario.

(Continúa no proximo numero)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do Correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

TOSSE?

HUSTENIL

DÔR DE CABEÇA, DE DENTES, GRIPPE OU QUALQUER DÔR

GUARAINA

TUBOS E ENVELOPPES

NÃO DEPRIME O CORAÇÃO

LABORATORIO NUTROTHERAPICO - Rio.

UM UNICO REMEDIO PARA

DORES MUSCULARES

OFFERTA GRATIS DE EXPERIENCIA DE UM TRATAMENTO COM 40 ANNOS DE EXISTENCIA!

"Essas terriveis dores nos musculos e nas juntas, podem revelar desordens nos rins."

Diz-se, não sem fundamento, que o rheumatismo é a tragedia da vida moderna. Os que deixam passar por alto os seus primeiros symptomas, podem chegar a verem-se impossibilitados de se dedicarem ás suas tarefas ou distracções predilectas e até prostados na cama. As crianças tambem padecem de rheumatismo com frequencia.

O DESCUIDO DE SUA SAUDE, PODE TER GRAVES CONSEQUENCIAS

Se V.S. se descuida do que tem toda a apparencia de ser symptomas de rheumatismo, como seja a inchação das juntas, pontadas, dores agudas ao longo das pernas e dos braços ou nas cadeiras, talvez esteja em caminho de perder sua saúde. Portanto, quando insistimos com V.S. a experimentar em sua casa ou durante suas occupações, o que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga podem fazer-lhe, fazemol-o com a maxima confiança.

Se V.S. soffre noite e dia de dores rheumaticas, ou se apenas sente os primeiros symptomas de dores que podem ser causadas por desordens nos rins, inicie HOJE MESMO este tratamento.

AS PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 8-).
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....